ANO 18.º QUINTA-FEIRA, 29 DE DEZEMBRO DE 1938 N.º 5785

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUIZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

A TRANSFORMAÇÃO de Lisboa nos bairros novos, ou renovados, em evolução ou em definição, tem sido de tal modo rapida que, em relação ha uns anos a esta parte, certos sitios de Lisboa estão irreconheciveis.

Em verdade a capital atravessa ha vinte anos um delirio de urbanismo.

Não interessa agora saber se esse urbanismo foi bem orientado; ao contrario do que em regra se afirma, parece-nos que, na maioria dos casos, a resposta é afirmativa.

Uma sugestão, porém, e aliás ligeira, nos cumpre fazer. O tempo vôa; o que hoje é novo será dentro de um pequeno espaço de tempo, em relação á vida da cidade, já antigo, já de ha quarenta anos, já «não me lembro quando isto se fez», já das gerações anteriores.

Julgamos que a Camara não procederia mal se impusesse aos construtores das propriedades a obrigação de apôrem a data nos predios que se erguem. Se assim se procede, quasi sempre, nos edificios publicos, escolas, hospitais, institutos de cultura, bairros soclais (pelo menos, julgamos que se procede assim) porque não adoptar igual norma em relação ás iniciativas urbanas particulares?

Os antigos fizeram isto. Não sabemos porquê, o costume perdeu-se.

Pois seria optimo renová-lo.

* * *

FAZ hoje quinze anos que um inteligente decreto criou o Instituto Português de Oncologia e onze que as instalações proprias do novo estabelecimento começaram a funcionar, em Palhavã.

De então para cá, a obra maravilhosa dessa modelar instituição não tem cessado de desenvolver-se e de progredir, com a mais franca utilidade para a, infelizmente, grande legião de doentes que o terrivel mal prendeu nas suas garras traiçoeiras.

A' data de hoje está ligado intimamente o nome do eminente professor dr. Francisco Gentil, que com dedicação carinhosa e inquebrantavel tenacidade soube levar a efeito obra tão util e humana.

* * *

UM «amigo do Jardim Zoologico» ofereceu no dia de Natal a alimentação para toda a bicharada, desde as feras aos inocentes colibris, que povoam o nosso Zoo das Laranjeiras. E alimentação reforçada.

Ha doze anos que assim procede aquele benemerito, amigo dos animais «nossos amigos e inimigos». Na impossibilidade de fazer com eles a consoada, enviou-lhes em espirito a sua presença, simbolizada em alimento do corpo.

* * *

O ULTIMO boletim da Academia das Ciencias publicou na integra o parecer da comissão encarregada de atribuir, em 1938, o «Premio Malheiros», para romance.

Política e negócios

A Argentina e o Brasil têm, nos últimos anos, estreitado muito as suas relações em vários campos.

Quando da visita do Presidente Justo ao Rio de Janeiro, foram assinados, entre os dois paises, vários e importantes instrumentos reguladores das suas relações politicas, culturais e aduaneiras.

Missões intelectuais e diplomáticas têm renovado o esfôrço para a sua aproximação cada vez mais intima, ainda há pouco expresso pela Argentina na obrigatoriedade do ensino do português em alguns graus de instrução.

A Argentina é um dos grandes produtores de trigo do mundo. Em 13.671 mil toneladas que somou o comércio mundial em 1937, a Argentina exportou 3.887 mil ou 28, 4 %. O Brasil foi um dos clientes de trigo argentino no ano passado, calculando-se em 920.000 toneladas a importação feita e que se manteve idêntica á dos dois anos anteriores.

Êste ano, porém, a America do Norte, cuja super-produção de trigo a obrigou a um forte amparo á lavoura para evitar a queda dos preços, pensou em que o Brasil é um bom mercado, com uma importação anual aproximada de toda a exportação americana em 1937. E procurou introduzir o seu trigo no Brasil, tendo em conta que é um dos melhores mercados dos produtos brasileiros e que lhe compra muito mais do que lhe vende: em 1936 comprou-lhe 1.901.744 contos de réis e vendeu-lhe apenas 945.735.

Como é natural, a Argentina sentiu-se prejudicada com a pretensão dos Estados Unidos. Ela era a fornecedora tradicional de trigo ao Brasil, apesar de lhe comprar muito menos do que lhe vende e de as suas compras ao Brasil ficarem muito longe das dos Estados Unidos; em 1936 comprou ao Brasil 198.851 contos de réis e vendeu-lhe 701.784. E protestou, chegando a ameaçar de não comparecer na Conferencia Pan-Americana de Lima, se o Govêrno norte-americano não evitasse a sua projectada venda de trigo ao Brasil por preços abaixo das cotações actuais.

O Secretário dos Negocios Estrangeiros dos Estados Unidos teve de intervir e de convencer o seu colega da Agricultura a abandonar o negocio que, sem o apoio oficial, se reduz a uma probabilidade precária.

A boa visinhança que é o objectivo fundamental de Roosevelt na politica continental dos Estados Unidos prevaleceu sobre a politica economica extreme.

E isso a-pesar de o Chanceler brasileiro declarar que o Brasil não tem preferência por fornecedores, comprando a quem lhe venda mais barato e a quem lhe compre mais.

De onde se pode concluir ainda uma vez, que nem só de pão vive o homem e nem só de interesses materiais se fazem as boas relações entre os Estados, quando realmente os governantes das grandes potências são fiéis aos principios politicos que servem e aos compromissos internacionais que contraíram.

NUNO SIMÕES

EM 1907 o antigo ministro de um governo francês, Charles Daniélon, fez um inquerito particular, junto de alguns amigos seus, acêrca do que eles desejariam que o Menino Jesus lhes pusesse no sapato da chaminé, se eles tivessem idade ainda para essas adoraveis fantasias.

Jules Lemaitre pedia o repouso, Madame Vogué o braço da Venus de Milo, o actor Galipaux bons papeis para representar, Yvelte Guilbert a agilidade dos 18 anos, Antoine ser nomeado para o Odeon, Henry Bordeaux a idade [illegible] que punha o sapato na chaminé, Grep desejava um rei absoluto, Jules Claretie queria as fronteiras da França do seu tempo de rapaz.

Ao cabo de vinte anos alguns viram os seus desejos satisfeitos: as fronteiras da França são agora tais quais as que queria Claretie, Antoine está no Odeon, Lamaitre descansa em tranquilidade, Galipaux tem os papeis que quere.

Quanto aos outros... os outros pediram a unica cousa que nenhum mortal pode e deve pedir, porque é afrontar os deuses: a sua mocidade.

Não tanto por ser impossivel voltar a ser jovem. Mas por ser uma ingrata injustiça cada homem que viveu queixar-se da sua velhice.

* * *

ENTROU hoje no seu 75.º ano de existencia o nosso prezado colega «Diario de Noticias».

Fundado por dois homens modestos e trabalhadores, mas cultos, iluminados pelo novo «gôsto religioso» da Imprensa — Eduardo Coelho e Tomás Quintino Antunes — o «Diario de Noticias» converteu, passados poucos anos, em realidade a aspiração sonhada dos dois instituidores.

De Eduardo Coelho e Eduardo Schwalbach, passando pelos drs. Alfredo da Cunha e Augusto de Castro, em «étapes» que corresponderam a evoluções da vida social, literaria e politica portuguesa, o jornal que hoje perfaz três quartos de seculo guindou-se a um grande nivel nos factos da Imprensa em Portugal.

Cumprimentamos o seu ilustre director, nosso querido amigo, sr. Eduardo Schwalbach, o seu conselho de administração e o seu corpo de redacção.

* * *

UMA senhora tão ilustre pelo seu nascimento como pelo seu espirito manifesta-nos o seu desgôsto por se ter generalizado, quasi, nos estabelecimentos, o tratamento de «madame», ou, o que é pior, de «madama».

E, a final, é tão português e tão agradavel dizer: «minha senhora»

* * *

FOI prorrogado até 31 de março proximo o prazo de liquidação da casa bancaria Brandão & C.ª, de Vila Nova de Famalicão, e até 20 do mesmo mês o prazo relativo á liquidação do Banco do Minho.

De ontem para hoje

Em Lisboa

- **Quando trabalhava no Coliseu dos Recreios, suspensa duma vara de bambu, a quinze metros de altura, caiu na pista a artista de circo Maria Antonia Pedroza, de 23 anos, que recolheu ao hospital em estado melindroso.**

No estrangeiro

- **O Senado francês iniciou a discussão do orçamento.**
- **Para Djibuti foi enviado um batalhão senegalês e mais um contra-torpedeiro.**
- **As grandes manobras navais e aereas dos Estados Unidos durarão cinco meses e compreenderão 200 navios e 500 aviões.**
- **Numa fabrica de cerveja da Baviera declarou-se um incendio que foi apagado com aquele liquido.**

Morto por congestão?

No 2.º andar do predio n.º 179 da calçada de Santana apareceu morto o cozinheiro Manuel Fontans Montiagudo, subdito espanhol, muito conhecido nos meios hoteleiros de Lisboa e nas termas, onde costumava prestar serviço na época balnear.

A-pesar-de ter 68 anos de idade, ainda exercia a sua profissão com grande actividade, dedicando-se ultimamente á organização de lanches e banquetes.

Vivia sózinho. Há três dias que não era visto, motivo por que os vizinhos andavam preocupados. Hoje uma vizinha abriu a porta da casa do cozinheiro e verificou com espanto que o Montiagudo estava morto, junto da mesa onde tomara uma refeição. Tudo indica que deve ter sido uma congestão a causa da morte.

OS QUE MORREM

Dr. Juan Mendoza

MADRID, 29—Faleceu o dr. Juan Jauregui Mendoza, que fundou com Azaña o partido da Acção Republicana. Perdera recentemente um filho na batalha do Ebro.—(Havas)

O desastre no Coliseu

A artista espanhola Maria Antonia Pedrosa, que deu ontem uma grave queda quando apresentava um dos seus mais arriscados numeros no Coliseu dos Recreios, foi esta tarde transferida do hospital de S. José para o de D. Estefania. O seu estado é ainda melindroso, mas ha a opinião de que a simpatica artista se salvara. Diversos elementos da companhia que trabalha no Coliseu estiveram hoje no hospital de D. Estefania a informar-se do estado da sua colega.

No Extremo Oriente

Recomeçou a luta

XUNG-KING, 29.—A agencia Chekai anuncia: — A luta recomeçou na provincia de Xan-Si. Os japoneses retomaram a ofensiva e atacaram as fôrças chinesas em três pontos.

A referida agencia anuncia tambem que corpos de voluntarios chineses iniciaram a guerra de guerrilhas em todo o territorio da Manchuria, o que levou os japoneses a reunir em Mukden no dia 26 do corrente uma conferencia para a defesa do Manchuco. Além disso, a Imprensa chinesa comenta com entusiasmo o discurso de Chang-Kai-Chek que denunciou os planos japoneses de conquista da China, désmentiu os boatos tendenciosos espalhados pelos japoneses e reafirmou a determinação da China de lutar até ao fim, sem aceitar plataformas. Os jornais consideram o discurso do generalissimo chinês de grande importancia, tanto para o povo chinês, como para os amigos estrangeiros da China.—(Havas).

Atentado terrorista

TIEN-TSIN, 29. — Wang-Tchu-Ling, presidente da Camara de Comercio chinesa e comissario para o imposto do sal sob o novo regime, foi assassinado a tiro esta noite pelos terroristas, á saída dum restaurante da Concessão francesa.—(Havas).

Uma missão importante

HONG-KONG, 29—Xen-Kung-Po, antigo ministro da Industria e amigo politico de Wang-Tching-Uei, chegou de avião a esta cidade e declarou: «Vim aqui para conferenciar com Wang-Tching-Uei que se dirige para Hong-Kong, por via maritima. O meu amigo segue brevemente para a Europa para desempenhar uma missão de que o encarregou o governo chinês. Não vejo Wang-Tching-Uei desde o principio deste mês, mas posso afirmar que são falsos todos os boatos que correm a seu respeito».—(Havas)

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 30. — Da Dominga, doutor da oitava.

Lausperene, está na igreja das Chagas de Cristo; ás 11, festa á Senhora da Conceição, por musica; ás 18 e 30, «Te-Deum».

Graça, ás 11, missa no altar do Senhor dos Passos, e exposição da referida imagem nas igrejas do costume.

A Marinha Mercante

e as festas dos centenarios

Na ultima assembleia geral da Caixa de Previdencia dos Oficiais da Marinha Mercante, em 14 do corrente, foi nomeada uma comissão para, juntamente com a direcção daquele organismo, promover a angariação dos fundos necessarios para a construção dum edificio para sede propria desta importante instituição de assistencia e previdencia das classes da Marinha Mercante nacional.

A referida comissão, que iniciou já seus trabalhos, vai conjugar os melhores esforços para que a aludida sede seja inaugurada por ocasião da comemoração do duplo centenario da fundação e restauração da nacionalidade.

As classes maritimas pretendem, assim, prestar o seu concurso dentro das suas possibilidades ás grandiosas cerimonias e solenidades que o governo do Estado Novo prepara para festejar tão memoraveis datas.

Estas classes, como representantes dos que outrora tão decisivamente concorreram para a grandesa de Portugal, não poderiam ficar indiferentes perante o movimento de renovação nacionalista a que, com entusiasmo e orgulho, o país está assistindo.

Uma festa infantil

no Asilo de D. Pedro V

Promovida por uma comissão de senhoras presidida pelo poetisa D. Maria Guilhermina Rio de Carvalho «Miriam» realizou-se hoje no Asilo D. Pedro V, ao Campo Grande, uma interessante festa.

Pouco depois das 15 horas, começaram a chegar os convidados, familias de educandas e os directores daquele estabelecimento de caridade, srs. drs. Mota Gomes, Guilherme Coelho, Moreira Junior e Azevedo Neves, Alexandre Cerqueira e Marcelino Nunes Correia.

Na sala grande do Asilo foi colocada um grande Arvore do Natal, carregada de brinquedos para as 140 educandas. Algumas delas fizeram um recital de poesia e musica.

O desastre do "Tonecas,,

No proximo domingo, realizam-se nas freguesias de Almada, Cova da Piedade, Monte de Caparica e Trafaria bandos precatorios a favor das familias das vitimas do naufragio do «Tonecas», e do outro tambem ha pouco ocorrido no Porto Brandão.

Os bandos precatorios da Trafaria e do Monte de Caparica são organizados pelas Juntas das respectivas freguesias e os de Almada e da Cova da Piedade pela Comissão de Assistencia ás ditas familias, a qual funciona nos Paços do Concelho de Almada.

BOLSA DE LISBOA

29 de Dezembro

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Consolidado 3 3/4 T. 10.	937$00	936$00	938$00
Consolidado 4 °/o T. 10.	979$00		—
Consolidado 4 1/2 T. 10.	1.046$00	1.042 $00	—
Consolidado 4 3/4 T. 10.	1.144$00	1.144$00	
Consolidado 5 1/2 T. 10.	1.055$00	1.054$00	1.056$00
Obgs. Tesouro 3 1/2 T. 10	—	—	
Externas 1.ª série	—	—	1.687$00
Externas 1.ª carimbadas	1.699$00	1.699$00	1.701$00
Externas 3.ª série	1.700$00	—	1.710$00
Externas 3.ª carimbadas	1.800$00	—	1.805$00
Cautelas da 3.ª serie s/j.	—	—	—
Acções			
Esp.S.º e Com. Lx.ª port.	—	—	760$00
Lisboa e Açôres port.	—	—	353$00
Ultramarino ep T. 10	—	20$00	20$10
Portugal port. T. 5	—	—	
Fidelidade	—		
Mundial	246$50	246$00	247$00
Nacional	—	600$00	750$00
Pagres	1.250$00	1.250$00	1.270$00
Aguas Lisboa port.	—	—	—
Aguas Lisboa 1934 T. p.	—	—	—
Aguas Lisboa 1936 T. p.	—	—	—
Cervejas Estrela	—	500$00	502$00
Cimentos Tejo	—	—	—
Cimentos Leiria T. p.	—	—	—
Credito Predial	—	10$00	10$70
Gas e Electricidade	272$00	272$00	272$50
Alto Alentejo 1.ª/2.ª em.	—	—	—
Alto Alentejo 3.ª/4.ª em.	—	—	—
Industria Aliança	100$00	99$00	101$00
Portugal e Colonias	92$60	92$50	92$80
Nacional Navegação T. p.	166$50	166$00	167$00
Colonial de Navegação.	—	—	—
Portuguesa de Pesca	360$00	358$00	362$00
Ind. Farmaceutica	—	—	—
Portuguesa de Tabacos.	385$00	385$00	386$00
Tabacos de Portugal	315$00	312$00	315$00
União Electrica Portug.	195$00	194$50	195$50
Cassequel	230$00	229$00	230$00
Agricola das Neves	—	160$00	165$00
Agricultura Colonial	—	140$00	145$00
Açucar de Angola	—	—	—
Buzi 1.ª emissão T. p.	43$50	43$20	44$80
Ilha do Principe	193$00	192$50	—
Zambezia T. 25	—	—	—
Obrigações			
Norte de Portugal 5 °/o	106$00	106$00	106$50
C. P. 6 °/o	181$00	181$00	182$00
C. P. 6 °/o Beira Baixa	181$00	181$0	182$00
Aguas Lisboa 4 1/2 cp.	—	85$00	87$00
Prediais 5 °/o 193	—	—	—
Prediais 5 °/o 1937	—	—	—
Prediais 6 °/o 1932 1.ª	—	90$00	—
Prediais 6 °/o 1932 2.ª	—	—	—
Prediais 6 °/o 1934 1.ª 3.ª	90$70	90$50	91$00
Prediais 6 °/o 1934 4.ª/6.ª	—	90$10	92$00
C. N. I. Moagem 5 °/o T. p.	—	—	—
União Elect. Port. 5 °/o	106$50		106$50
União Elect. Port. 6 1/2 °/o	116$50	116$50	—
Buzi 6 1/2 °/o T.p.	—	114$50	—
Buzi 5 1/2 °/o T. p.	—	117$50	—

HENRIQUE DE BARROS GOMES
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF. 2 5482 RUA S. JULIÃO, 65

CAMBIOS

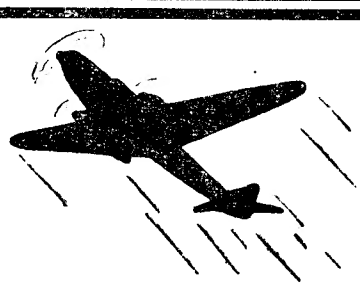
[illegible]	Comp.	Vend.
Londres	110$15	110$19
New-York	23$61 5	23$62,8
Paris	$6 ,2	$62.2
Berlim	9$46,7	9$47,2
Amsterdam	12$84,8	12$85,5
Bruxelas	3$98,1	3$98,3
Roma	1$24,2	1$24,3
Zurich	5$33,3	5$33,6
Praga	$81,0	$81,1
Rio de Janeiro	1$37,6	1$37,7
Burgos (Espanha)	2$62,2	2$6 ,4
Obra ouro	—	—

em relojoaria
MOVADO
Maury
dois nomes-duas garantias
202-RUA AUREA-204

ARMAZÉNS DO ROSSIO
J. MATOS
ROSSIO, 79 - R. DOS CORREEIROS, 329
TEL. 2 1215 - LISBOA
A GRAVATA CHIQUE DAS PESSOAS DE BOM GOSTO

O MELHOR WHISKY QUE TODOS PREFEREM
EXIJA
VAT-69
AGENTES EM PORTUGAL
DELAFORCE SONS & Cª
VILA NOVA DE GAIA
Depositarios em Lisboa: Charles E. le Goulton & C.ª - Rua do Alecrim, 21-A. Tel.: 21053

ESTE ANUNCIO E MAIS 5 ESCUDOS
Valem um bom retrato com o formato
18×24 na FOTOGRAFIA ACHILLES
AVENIDA ALMIRANTE REIS, N.º 1, 1.º ANDAR — LISBOA — TELEF. 4 7063


CORREIO AEREO
SERVIÇO BI-SEMANAL
PORTUGAL - AMERICA DO SUL
EM 48 HORAS
RESPOSTAS DENTRO DE UMA SEMANA
Aero - Portuguesa
33, R. Alecrim, — Telef. 2 3371
TODOS OS DOMINGOS A'S 8 E 15
para: Marrocos-Africa Ocid. Francesa-Guiné Portuguesa e Francesa-Libéria-Costa do Marfim e do Ouro, Angola e AMERICA DO SUL
ENTREGA DAS CORRESPONDENCIAS: na Central dos Correios, até ás 5 horas da manhã de Domingo
PASSAGEIROS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa, Europa, etc.
MERCADORIAS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa e America do Sul.
Deutsche Lufthansa A. G.
34, Aven. 24 Julho—Telef. 6 0343
TODAS AS QUINTAS-FEIRAS
para: Las Palmas, Bathurst e America do Sul
ENTREGA DAS CORRESPONDENCIAS: na Central dos Correios, até ás 7 horas da manhã de 5.ª feira
A's terças, quintas e sabados Serviço para Passageiros, Mercadorias e Correio entre Lisboa-Berlim com escalas em Salamanca, Marseille, Genève e Stuttgart No Mesmo Dia

PAPELARIA CARLOS
Grandioso sortido de artigos de escritorio
Rua do Ouro, 36 — LISBOA

RETIRO DA SEVERA Telefone 2 5979
HOJE: ás 21 h. e 30 minutos. Noite da Moda.
Lucilia do Carmo, Carmen Santos, Manuel Pereira e Xavier Pinto. Variações por Armandinho e Jaime Santos. ENTRADA 1$00. Consumo 2$50.
PASSAGEM DO ANO. Fados e guitarradas. BAILE ANIMADO POR UMA ESPLENDIDA ORQUESTRA.
Inscreva-se para a GRANDE CEIA DO FIM DO ANO.
GRANDE «REVEILLON»!!!
BRINDES A TODOS OS EXCELENTISSIMOS CLIENTES

SOLAR DA ALEGRIA Telefone 2 4290
A MELHOR CASA DE FADOS DE LISBOA
Apresenta ás 21.30 Maria Carmen, Maria Guerreiro, José Pereira e Mario José — Guitarradas pelo Grupo Privativo.
CONSUMO 2$50 ENTRADA LIVRE
Amanhã: Carmencita Aubert e Joaquim Pimentel — Sabado, 31 (Fim do Ano) Grandioso espetaculo seguido de baile com grandes surpresas.
Marque a sua mesa para a Ceia do Fim do Ano.

Colete Encarnado
Cantam hoje: Rosa Maria, Alfredo Duarte (Marceneiro) e Julio Proença. — Primoroso serviço de restaurante. — Reserve a sua mesa para a ceia da passagem do fim do ano.
Telefone 2 1168

TEATROS E CINEMAS

Imagem do dia

Amanhã dia grande de cinema português! Estreia-se, finalmente, «A Aldeia da Roupa Branca», depois de ansiosa espectativa. Não queremos de modo algum fazer vaticinios. Em cinema nada é secreto. Têm-se feito tantas indiscrições acêrca da obra de Chianca de Garcia que, se as considerarmos devidamente, tudo indica que estamos na presença duma verdadeira alvorada do cinema nacional. Assunto vivo, original, tirado de costumes portugueses, dos mais pitorescos e saborosos, aqui ao pé das portas da cidade. Uma aldeia verdadeira branca e pulcra, com a sua vida caracteristica de feiras e romarias, aqui e ali picada daquela paixão e daquele amor tão nosso... Cenas de rizo contagiante, e outras de funda emoção. Belos interpretes: a Beatriz, o Santos Carvalho, a Maria Albertina, e outros. Musica adoravel, por um triz a cair no ouvido do publico. Enfim todos os elementos que podem e devem fazer um grande exito. O que vale é que a espectativa, agora, é, apenas, de 24 horas!

Uma radiocomedia de Anita Patricio

Anita Patricio, a interessante dramaturga cuja peça «A lei da vida» tão discutida foi, escreveu uma radiocomedia, intitulada «Crisantemos», que montada pelo distinto actor Manuel Lereno será radiodifundida hoje, quinta-feira, ás 22 horas, pelo Radio Club Português. Os interpretes são: Manuel Lereno, Maria Spranger, Artur Moura e Azevedo Moreira.

Atrás do reposteiro

Entre os empresarios José Loureiro e Robles Monteiro começaram já as negociações para a projectada «tournée» ao Brasil da companhia do Nacional, que deve começar a sua digressão pelo Rio de Janeiro.

—O teatro desmontavel Rentini, com o seu elenco de 20 figuras, está agora a trabalhar em Aveiro, onde vai apresentar todo o seu grande repertorio de comédias, operetas e variedades em fim de festa.

—Com a opereta «O Conde de Joannesburgo», parodia de José David a «O Conde de Luxemburgo», preparam-se três espectaculos, no Maria Vitoria, para o proximo domingo, em «matinée» e duas sessões nocturnas.

—Indica-se para o repertorio do Apolo a reposição da opereta popular «Maria Rapaz», de Lourenço Rodrigues, Silva Tavares e Xavier de Magalhães, ha anos representada naquele teatro.

—Esta noite repete-se no Nacional a comédia mais hilariante de quantas se têm representado ultimamente em Lisboa, «As três Helenas», na qual Nascimento Fernandes tem uma admiravel criação comica.

—O ventriloquo português Marius, filho do falecido jornalista Graça e Cruz e afilhado do escritor teatral Alberto Barbosa, vai trabalhar no teatro, participando de um quadro de comédia duma revista.

—A estreia dos «complementos vivos» no teatro Sousa Bastos, em Coimbra, s se fará no dia 6 do proximo mês. Os artistas que os vão realizar, sob a direcção do actor José Dubini, seguem no dia 5 para aquela cidade.

—No teatro Alhambra, do Rio de Janeiro, estreia-se na proxima semana a opereta «A Catraia do Bolhão», pela companhia Mirita Casimiro-Vasco Santana.

—Foi fixada para o dia 5 do proximo mês a estreia, no Trindade, da peça em 3 actos, «Outono», original do escritor Manuel Fragoso, cujo principal papel masculino vai ser interpretado pelo actor Erico Braga.

—Vão realizar-se em Lisboa espectaculos musicados de opereta popular e até de «vaudeville», para o que se estão a escolher algumas peças.

—Começaram já os trabalhos para os espectaculos de comédia, no Avenida, á frente de cujo elenco ficará a actriz Maria Matos.

«Scipião, o Africano», no Odéon e no Palacio

A Italia quis lançar um repto á produção de Hollywood, e do desafio resultou um singular combate entre a arte pura e a tecnica aperfeiçoada. A combatente do Mediterraneo tem por si a Historia, a grandesa altisonante dos seus herois e, sobretudo, isto que se não imita em cenario: Roma. A America do Norte nada disto tem, mas possui em compensação a pratica especializada da cinematografia, que é da sua idade, do seu tempo. Onde os italianos puzeram milhares de homens, centenas de cavalos e dezenas de elefantes, teriam os norte-americanos buscado efeitos menos dispendiosos, menos realmente verdadeiros, mais cinematograficos. E o realizador norte-americano teria dito aos seus artistas que declamassem menos á maneira de ontem para melhor serem entendidos hoje.

O que escrevemos não impéde, porém, o reconhecimento de que estamos na presença dum grande filme, de fantastica riqueza imperial, e de que em Hollywood dificilmente se teria encontrado um Anibal como o que admiramos nesta notavel afirmação da força romana, que nos dá a derrota do grande cabo de guerra com ineguavel grandeza, impetuosos choques de massas de homens, cavalos e elefantes. E dificilmente se encontraria um artista não italiano que nos desse o perfil romano de «Scipião» melhor que Anibale Ninchi, que mais orgulhosamente ditasse condições aos vencidos, que mais ardilosamente preparasse a batalha em que havia de vencer os elefantes de Anibal com o estratagema de dispor as suas forças em colunas separadas e aparentemente alinhadas para, na hora propria, darem passagem aos monstruosos paquidermes, atacando-os depois pelas costas, permitindo a Roma vencer Cartago. E o mesmo se pode dizer dos outros interpretes, como Fosco Giachetti, na figura de «Massinissa», Isa Miranda e Francesca Graggioli, na filha de Asdrubal. E que justa arquitectura a do Senado romano, e do Senado cartaginez. E que bela imponencia a da nau romana, e que «clima» heroico o de todo este filme que merece ser visto porque é, sem duvida, o mais rico, um filme imperial, uma Taça Mussolini que custou á Italia trinta e cinco milhões de liras mais de quarenta milhões de escudos.—*Vizor 37.*

A' estreia, no Odéon, assistiram a sr.ª Ministra de Italia, o adido militar italiano, o presidente da Camara de Comercio Italiana, conde e condessa di Nigra, consules de Italia; secretario do Fascio, director do Instituto de Cultura Italiana, comandantes Facci e Matiero, e Marino Parenti, delegado comercial da Legação.

As ultimas noites, no Trindade, da peça-misterio «O homem fatal»

Aqui se faz hoje um aviso ao publico: desde hoje até domingo realizam-se, no Trindade, as ultimas representações da super-famosa comedia da graça e da alegria, «O homem fatal», que vai saír de cena para activar o repertorio deste teatro e para dar lugar, na proxima quinta-feira, á estreia da nova peça, a peça em 3 actos, «Outono», original do escritor Manuel Fragoso. «O homem fatal» representa-se em «soirée» de Fim do Ano, no proximo sabado, despedindo-se no domingo, á noite, ás 21 e 45 horas.

A Embaixada do Fado no Avenida

O popular teatro Avenida reabre as suas portas no sabado, 31, para acolher a Embaixada do Fado. Vai ser uma noite de verdadeira Arte, durante a qual o publico verá desfilar todos os verdadeiros valores da Canção Nacional. Os espectaculo realizar-se-á num ambiente proprio e nele será apresentado o Fado através de três épocas: 1830, 1900 e 1938, em duas sessões, ás 21 e 23 horas, havendo no domingo (dia de Ano Novo) três grandiosos espectaculos: «matinée», ás 16 horas e duas sessões, á noite. A bilheteira abre amanhã, ás 11 horas, e os preços, para todas as localidades, são populares.

Os ultimos espectaculos de circo atraem todo o publico ao Coliseu

Só no Coliseu consegue o publico ver as melhores atracções de circo que percorrem o mundo, por preços acessiveis a todas as bolsas. Esta é a ultima semana da ultima companhia do genero nesta temporada. Ha numeros novos sensacionais, de novidade. Tudo aconselha, pois, a que não deixem de ir ao Coliseu esta noite. Sabado: ultima «matinée». Domingo: a brilhante «matinée» do Ano Bom e, á noite, despedida da companhia.

CARTAZ

TEATROS

NACIONAL—A's 21 e 45—«As três Helenas».
TRINDADE—A's 21 e 45—«O Homem Fatal».
VARIEDADES — A's 20 e 45 e ás 23 — «O' meu rico S. João!».
APOLO — A's 20 e 45 e 23 horas — «A dansa da luta».
COLISEU—A's 21 e 30—Nova Companhia de Circo.

CINEMAS

S. LUIZ — A's 21 e 30.
TIVOLI—A's 21 e 30.
EDEN-TEATRO — A's 21 e 30.
CAPITOLIO—A's 21.
CENTRAL—A's 21 e 15.
CHIADO TERRASSE—A's 21 e 15.
CONDES—A's 21 e 30.
ODEON—A's 21 e 15.
OLIMPIA—Das 14 e 30 ás 0 horas.
PALACIO—A's 21 e 30.
POLITEAMA—A's 21 e 30.
REX—A's 21 e 15
ROYAL—A's 21.
SALÃO IDEAL — Rua do Loreto.

O MAIOR ÊRRO
de todas as edições de
OS LUSIADAS
por Henrique Manuel da Torre Negra.
Vende-se nas livrarias de Lisboa. 5$00

A caligrafia dos medicos
e os seus inconvenientes

«*Sr. Director:*—«A caligrafia dos medicos e dos seus perigos» mereceram no jornal de V. as honras duma graciosa coluna de prosa, ao conhecido escritor D. Alberto Bramão.

Esculapio, acusado de rabiscador, de fazer garatujas... em vez de receitas!

Mas é delicioso, porque nos faz recuar aos saudosos tempos em que o medico receitava e o farmaceutico manipulava.

Pois será possivel que ainda haja quem esteja a perder o seu tempo, numa época em que se prescrevem especialidades, em tão constante mutação, como as fórmas dos automoveis e os caixotes das telefonias! Tenha paciencia, mas ocorre preguntar:—Onde está a moda? Nas garatujas das receitas ou na psicologia arrevesada do momento?

Não acredita? Pois fique sabendo que o seu amigo farmaceutico é que, por falta de habito de já não ler receitas da tal estricnina ou do citrato de magnesio, nem sequer pensou em telefonar ao medico a preguntar o que rabiscou, nem a este ocorreu escrever em excelente gótico, com iluminuras.

Se é por falta de professores de caligrafia nas Faculdades de Medicina, pode remediar-se o caso e venha de lá o apurado cursivo dos guarda-livros que não tenham nada que fazer.

Mas realmente contribuirá isto para impedir que o tão temido ataque ás visceras de cada um, venha a realizar-se, por falta de caligrafia nas receitas? Não é de crer. Numa ocasião em o farmaceutico vende ao balcão perfumarias e, para poder viver, se vê obrigado a ir dar injecções; em que os droguistas é que vendem as especialidades, os enfermeiros é que fazem clinica e as parteiras abôrtos, Esculapio já não faz garatujas, nem se preocupa que a sua caligrafia possa ser interpretada como desenho de cruzes funerarias.

Cede lugar ás jovens esculapias e vai filosofar para o Rossio, admirando os reclames luminosos, onde avulta a cruz «Bayer».

E, se esta é a moda, descanse então o nosso ilustre escritor.

Os tempos mudaram muito; não o preocupe a caligrafia dos medicos. Vá acautelando as suas visceras doutros choques, deixe em paz o cursivo, o gotico e o bastardinho e trate de forrar os ouvidos de algodão, por causa dos ruidos citadinos e das sugestões dalgum amigo farmaceutico, em transes de lamentação e de má lingua. Tal é o conselho amigo que desinteressadamente se permite dar ao ilustre escritor o que se confessa sincero admirador e—*Esculapio*».

TINTA A OLEO
MATE
PARA USO NO INTERIOR
Muromatte
PRODUTO THE WALPAMUR C.º LTD.
Darwen—Lancs Inglaterra
Agência-Deposito
CASA LINO—R. Bacalhoeiros, 113—LISBOA

TEATRO NACIONAL
HOJE — ás 9 e 45 da noite — HOJE
O colossal exito de gargalhada
AS 3 H.L N.S
Notavel criação do grande actor comico
NASCIMENTO FERNANDES
Sabado, 31 — ás 9 e 30 da noite — A abrir o espectaculo, 1.ª Representação, nesta época, da peça em 1 acto do dr. Julio Dantas.
ROSAS DE TODO O ANO
com **Palmira Bastos** e **Maria Lalande,** seguindo-se a representação do monumental exito
AS 3 H LENAS
Domingo, ás 4 horas da tarde, **matinée PIMPINELA** — Bilhetes a venda — O teatro esta sempre aquecido.

VARIEDADES
Hoje e todas as noites
A's 8,45 e 11 horas
A revista monumental de alegria
Ó meu rico S. João!
com
BEATRIZ COSTA

APOLO A's 8 e 45 e 11 horas
A DANÇA DA LUTA
Com **Maria das Neves, Teresa Gomes, Herminia Silva** e **Octavio de Matos**
no «compère»

PROGRAMAS DE HOJE

São Luiz
HOJE, ás 21,30 — Telef. 27172
O Estudante de Oxford
com
Robert Taylor, Maureen O' Sullivan e **Lionel Barrymore**

CENTRAL TEL 24381
Telef. 24381 — A's 21 e 30
4.ª semana
3 raparigas modernas
com Deanna Durbin

ODEON
A's 21 e 15
Telef. 2 6283
Scipião, o africano
Super-produção historica italiana de extraordinaria grandesa

PALACIO
A's 21 e 30
Telef. 4 7163
Direcção de **Carmine Gallone** com **Annibale Ninchi, Camillo Pelatto, Isa Miranda** e **Francesca Braggiotti**

TERRASSE
Tel. 2 0917
Revolta na India
Só vivemos uma vez

TIVOLI
A's 21 e 30
TELEF. 5 0595
ULTIMA
60 anos de gloria
filme colorido
com **Anna Neagi** e **Anton Walbrook**

POLITEAMA
A's 21 e 15
Telef. 26305
ESTREIA
O Corsario Laffite
com
Frederic March, Franziska Gaal e **Akim Tamiroff**

REX
Telef. 2 9656
A's 21 e 15
Quero sonhar contigo
O homem que se reabilitou
Preços especiais (de tarde e a noite) excepto domingos e feriados

LYS
Tel. 48560
Revolta na India
Só vivemos uma vez

CASINO ESTORIL
A's 21 e 30
Heroi moderno

EDEN
A's 21 e 30
Telef. 2 0768
2.ª semana e ultima
Os dois tiroleses
com Stan Laurel e Oliver Hardy (Estica e Bucha) e a cantora Vienense Selia Lind
COMPLEMENTOS VIVOS

CONDES
A's 21 e 30
Telef. 2 2523
Atribulações dum galucho
com Duvallès, Suzanne Dehely, Felix Oudart e Marguerite Temple

CAPITOLIO
Telef. 2 7493 A's 21
Rosalie
Madame X

PARIS
A's 20 e 45
O incendio de Chicago
A pequena Irlandeza

ROYAL
Telef. 45037
A's 21
O Heroi das Arabias
Guerra sem quartel

PROEZAS DUM DESORDEIRO

Pôs em alvorôço

o Bairro dos Actores

com uma pistola de alarme

Anteontem apareceu no Bairro dos Actores, brandindo uma pistola e ameaçando todas as pessoas que por ali passavam, um individuo suspeito. Varios transeuntes fugiram espavoridos e outros nem sequer chegaram a entrar em casa com receio do desordeiro.

O caso foi comunicado á Policia. Compareceram no local o sub-chefe 279 e o guarda 1.999. A presença das autoridades, longe de amedrontar o meliante ainda lhe acirrou mais as fumaças de valentão. Os guardas, cautelosamente, procuravam aproximar-se dele, de espadas desembainhadas, para o atemorisarem. Ele ia recuando e gritando:

— Não se aproximem que morrem...

Então os guardas puxaram das suas pistolas para enfrentar o adversario. Depois de varias correrias, e com o auxilio de alguns populares, conseguiram finalmente prende-lo. Conduzido para a esquadra, declarou chamar-se Manuel da Cunha e usar tambem o nome de Augusto Santos.

Veio a averiguar-se que a arma com que andava a ameaçar varias pessoas e pretendia matar os seus captores não passava duma inofensiva pistola de alarme.

O preso deu hoje entrada nos calabouços do Torel não explica o motivo da sua atitude.

CASAMENTO PRINCIPESCO

Maria de Saboia e Luiz de Bourbon e Parma vão passar a Moçambique a sua «lua de mel»

ROMA, 29—O casamento da princesa Maria de Saboia com o principe Luiz de Bourbon e Parma, no dia 15 de janeiro, na capela Paulina, do Palacio do Quirinal, proporcionará aos romanos ocasião de manifestarem a sua dedicação á familia real. Os noivos com efeito aparecerão á varanda do Palacio Real depois da cerimonia e a multidão poderá aclama-los, tanto na Praça do Quirinal, como no percurso que seguirão, em seguida, para irem ao Vaticano.

No dia 14 realizar-se-á a recepção em que serão iniciadas 3.000 pessoas pertencentes ás 3 primeiras categorias sociais do Estado. No dia seguinte celebrar-se-á o casamento religioso na presença da familia real, em solteira princesa de Bourbon e Parma, mãi do principe Luiz, o duque Henri (chefe da casa Bourbon e Parma), a princesa de Luxemburgo, que casou com o irmão do noivo, o principe Xevier e a princesa, em solteira condessa de Bourbon e Busset, o principe René e a princesa em solteira Margarida da Dinamarca, o irmão mais novo do noivo, recentemente ferido em Espanha, o principe Gaetan, e a princesa em solteira Margarida de Thurm e Taxis.

Depois da cerimonia religiosa o presidente do Senado, notario da dinastia, redigirá o termo do casamento e depois os nubentos dirigir-se-ão ao Vaticano para se recolherem no tumulo de São Pedro. Os esposos partirão em seguida, em viagem de nupcias, para Moçambique, onde o principe de Bourbon e Parma possui importantes plantações. Os trabalhos de ornamentação da capela Paulina começaram: na nave vêem-se os escudos onde a cruz branca de Saboia se une ás três flores de lis de ouro dos Bourbons.—(H.)

O misterioso assalto

no Campo de Santa Clara

A Policia de Investigação Criminal ainda não conseguiu ouvir a sr.ª D. Lidia Pereira, que anteontem foi assaltada por dois gatunos, visto o seu estado de saude o não permitir. Só esta senhora pode dar á Policia os elementos necessarios para começar as respectivas investigações, pois foi ela a unica pessoa que fixou os meliantes.

Todas as vezes que se lhe preguntam os sinais dos individuos que a assaltaram e se lhe pede que reconstitua a cena, tem uma violenta crise de nervos e não diz palavra.

O sr. dr. Eurico Serra pensa em ouvir na sua residencia a sr.ª D. Lidia Pereira, na presença do seu medico assistente, pois será a unica maneira de conseguir que ela preste á Justiça os esclarecimentos necessarios, sem receio de qualquer complicação para o estado de saude da doente.

EXPERIMENTE
CHÁ BUDDHA

O «DIARIO DE LISBOA» NA FRENTE DA CATALUNHA

Um avião fantasma sobre a 7.ª bateria anti-aerea

que possue o «record» dos aparelhos abatidos na guerra

(Do nosso enviado especial)

FRAGA, 21.—Fui hoje fazer um pouco de *camping* de guerra. Manhã de oiro, gratificada por um sol maravilhoso da serra, onde a neve reverbera como prata fundida. Quasi em todas as minhas viagens, seiscentos quilometros por dia, quando não são mais, encontro o Segre. E' um velho conhecimento da primeira linha de Lerida, entre as *alambradas* nacionais, e o fuzil discreto duma sentinela, que apontava do outro lado, não para fazer mal, mas com curiosidade de vêr aquele espanhol de boina basca e sem gravata que, a-final, era português. Mas desta vez, o Segre, a-pesar das enxurradas, cintila como um garimpo de diamantes, Duas pontes dão passagem para a margem esquerda, longas e compridas como avenidas, que a aviação inimiga tem tentado debalde destruir. Mesmo em frente, na testa duma, fica Fraga, pequena aldeia que desce, aflitivamente, uma montanha, até ao rio, sém encontrar espaço para crescer. No alto, uma torre intacta, feita de tejolo, ao estilo mudejar, como o são todas desta região. Fraga foi, em tempos, uma pequena Republica, que sacudiu o jugo da Catalunha. Cortou relações com o Paralelo, formou um exercito e amou imoderadamente até ao dia em que, sem efusão de sangue, Barcelona lhe cortou as veleidades de independencia. Deve-se ter penitenciado. Hoje é uma vila militar, especie de ninho de aguias, que domina um largo planalto vermelho de terras de trigo e olivais. O automovel abandona a estrada e segue uma *pista de guerra*. Faz de escafandro: ora afocinha em lençois de agua lamacenta, ora range, dolorosamente, queixando-se dos seus rins metalicos .A certa altura, pára, inamovivel,, como tartaruga mal domesticada. E' o melhor. Confesso que gostei da sua resolução terminante. E' que ha sol, e um passeio pelo campo, que nos recebe com ternura, até a 7.ª bateria anti-aerea, suavisa os nervos, e integra esta cansada maquina humana no seio repousante da natureza, fazendo-a esquecer que a guerra está a dois passos. Troveja mais longe, e os soldados do Tercio passam em sentido contrario, numa descuidada fila indiana. Andam a laçar mulas ou vão para as trincheiras? Isso é lá com eles. Oliveiras, de altura de meninas, oferecem o seu fruto já maduro. Estão cheeinhas dele,, mas assim negro, ovalado, e dum brilho metalico, parecem balas.

Não é possivel escapar ao pesadelo da guerra! Mas o campo cheira bem—a terra, a erva molhada, e, sobretudo, a sol quente e doirado, que tem o sabor de pão saído do forno. Botelho Moniz quere que eu vá depressa, mas atardo-me, liricamente, contemplando, os mais pequenos nadas desta vida vegetal, que germinou num só dia de sol, até nas crateras produzidas pela lava aerea, defecada pelos *Katiuskas*.

Mario Santos está no seu «campo». Conhece-o a palmos. Nunca vi tipo mais português, nem mais optimista. Carão moreno, tronco de atleta, olhar de criança, e sempre pegado com a brincadeira da morte. Não que se julgue invulneravel, mas tem vinte e cinco anos, e um repertorio de anecdotas de guerra, capaz de vencer o mais irredutivel e tenaz inimigo. De resto, só tem amizades. Um dia a sua bateria foi atacada por três avies. A flecha do *comando* virou-se contra a guarnição. Nervosismo. Bons tiros de *8 com 8*, como se diz á espanhola. Mas a granada caiu muito perto, e alguns estilhaços feriram duas praças e um sargento. Este ultimo, passado o perigo, mostra-lhe a mão ensanguentada:

—Veja o que me fizeram esses «maricons» !

Risonho, o Mario Santos, respondeu:

—Mas porque raio não meteu você a mão no bolso!

O dia de hoje pertence-lhe. Convidou-nos para almoçar na sua bateria. O comandante, espanholissimo, e sincero amigo de Portugal, disse que sim, e o «viriato» ficou radiante de nos ter sob a tenda de campanha, saboreando um delicioso arroz á valenciana, com ameijoas, galinha, presunto, e outras coisas menos conhecidas, entre os seus camaradas da bateria. De resto, ha um terceiro português, o Alvarenga, que não compreende por que o querem em Lisboa.

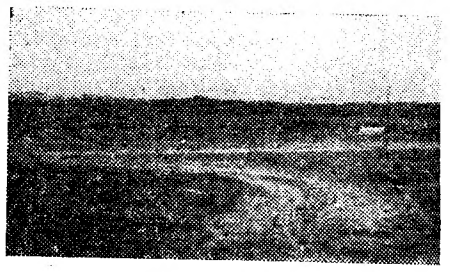
—Ainda nem sequer vi cair um avião!

—Não ha duvida, como resultado é triste!

Mas vem o fiambre de lata, e uma talhada de torrão com *almendras*, que reconciliam o estomago com a fome devorante do ar livre. O café é pessimo, mas o *cognac* excelente. Ao lado da tenda, ha uma horta, e uma casa aragonesa, destas de pedra, revestidas exteriormente de barro amassado com palha. No seu quinteiro, recolheram-se todas as galinhas das cercanias. Aquilo não deve ser tudo do velho baturro, que tira agora dos alforges dum jumento dois odres de pele de cabra ressumantes de azeite. Ele não explica. Mas eu compreendo. Na fuga, os vizinhos confiaram-lhe o pesado encargo de tratar do innumeravel povo galinaceo. No fim do almoço, Mario Santos leva-me á sua bateria, dez metros adiante. Num pequeno cabeço, está o «comando», verdadeiro cerebro de aço que resolve todos os problemas. Visa o inimigo, com o telemetro, calcula com os seus abacos de metal e de celuloide, a direcção e a altura do avião, determina a sua velocidade, graças a um pequeno motor, que trabalha, segundo a posição do telemetro, pupila vigilante do espaço, e, por ultimo, graças á sua mesa traçadora, disco de vidro parafinado, desenha nitidamente, a lapis, em todas as suas sinuosidades, a marcha do aparelho. Perfeito! Dois soldados, permanentemente, vigiam o espaço, com binoculos. São as sentinelas do ceu. Nunca se descuidam. Um descanso pode ser fatal á bateria. Mas onde está ela? Em baixo, quatro peças, dispostas nos angulos dum quadrado, com os seus pescoços enormes, virados para o ceu, numa inclinação, que vai até 85º. Tem movimentos paralelos, como os braços das *girls* americanas na *Ziegfielr Folies*. Vou ver uma metralhadora, que está a pouca distancia do *comando* da bateria. Excelente. O operador senta-se nela, como se fosse uma motocicleta. E' com os pés que descarrega as suas rajadas, pedalando assim a metralha. Entretenho-me, quando nisto, sinto uma voz, chicoteante de nervosismo, fulgurar no ar, num arranco de colera e de alarme:

—Avião 4! Avião 4!

Ainda fico sereno. Olho o ceu, vinte quilometros á roda. Ha uma clareira de sol sobre Fraga, mas á volta um «ecran» de nuvens baixas, azuladas como ardosia, mascaram o ceu azul. Voará o inimigo oculto naquele pesado cirro, que barra o



O regresso ao aerodromo depois

caminho aereo de Tarragona? O espectaculo é para mim inedito. Vejo, em baixo, os soldados, correrem para as peças, como coelhos saltam os valados. Em cada uma um homem faz girar, rapidamente, uma manivela, donde saltam centelhas de luz vermelha. Parece que o *comando*, electricamente, dá as suas ordens, porque as quatro bocas, elevam-se, como guindastes, virando para o mesmo ponto do espaço, quasi verticais. Uma longa teoria de serventes faz cauda ás culatras com umas estranhas granadas, de cinta amarela, mais altas que um petiz de quatr oanos, e com um vertice perfurante que parece o gume dum punhal Não ha duvida! O avião entrou pelo sector 4. O *comando* da bateria gira, incessantemente. Onze homens espreitam-lhe os reflexos. Ha dois que falam, o telemetrista que, numa fracção de segundo, encontrou o avião inimigo, dentro do oculo, e o Mario Santos que, de telefone em punho, sereno, em voz baixa agora dá as suas ordens aos chefes das peças.

—Zero!—grita o do telemetro. A direcção e a altura do inimigo são determinadas num tempo «record». Sabe-se já ,onde está o *avião presente;* falta agora determinar em que sitio do espaço se vai encontrar o *avião futuro*. Os abacos giram e num deles uma lente rectangular como que fixa e mede o espaço aereo, donde o *Katiuska* vai lançar os seus quinhentos quilos de bombas. A emoção é enorme. As polpas dos dedos dir-se-iam rasgar-se, para fazer voltear o telemetro mais depressa, arrancando-lhe, instantaneamente, os seus complicados calculos algebricos. Aquele cerebro de aço funciona, porém, maravilhosamente. Debruço-me sobre a mesa traçadora, a unica coisa que compreendo daquela engrenagem. O «crayon» negro inscreve na parafina a rota da aeronave inimiga, o arabesco perigoso que vai, talvez, ferir de morte a 7.ª anti-aerea.

Mario Santos, mais alto, numa voz estentorica, grita:

—Três tiros cada peça!

O «viriato» Amorim Campos, (X) da 7.ª bateria anti-aerea, assiste á limpeza duma metralhadora que acaba de fazer fogo

MAXIM'S

HOJE — Quinta-feira, 29

GRANDE BAILE DE MASCARAS

Orquestra Toselli — Variedades

Debute da grande vedeta de cinema LILLIANE WIDMANN.—As senhoras mascaradas têm entrada livr

o combate sobre as linhas [illegible]

E depois, martelante, num crescendo de ansiedade:

—Fogo por *rafagas!*

As granadas desprendem-se das guelas dos canhões mas não se ouve ali o estampido, apenas o eco longinquo, que é reflectido pelos montes. O clarão, sim, vê-se, numa chama azulada. Muito alto, a oito mil metros, como soube depois, a girandola mortifera estoirou. Mas onde está o Botelho Moniz? Ele devia gostar de ver esta batalha, entre o ceu e a terra, inedita para mim, e com um avião que ainda não vi. Por acaso sei que é sempre ao chefe da esquadrilha que se atira—para desmoralizar os outros, e que esta 7.ª bateria abateu já 22, entre *Katiuskas* e *Ratas,* um até roubado quando Fraga era um ponto nevralgico da frente.

Olho para a *flecha* do comando. Felismente, que não está voltada para a guarnição. Respiro. A esquadrilha vermelha não vôa para nós. Vêm, porventura, apenas passear—reconhecer, convidada por este sol de dezembro, tépido e optimista. De resto, um avião não lança as bombas sobre o objectivo, quando está na sua vertical, mais dois ou três quilometros antes, conforme a altura que vôa, a intensidade do vento, e outros factores previstos pelo piloto bombardeiro. Os canhões, em baixo, continuam rodopiando sobre o seu eixo, vertiginosamente, e as quatro guelas paralelas, vão mudando de posição, mas sem fazerem fogo.

Segundos depois tudo parava, como por encanto e o Mario Santos, abandonando o *comando,* preguntava-me:

—Então, que tal?

—Magnifico! Contei pelo relogio: em onze segundos, as peças estavam a fazer fogo! E o avião *rojo?*

—Qual avião?! Nunca existiu! Quis, apenas, fazer um exercicio para você vêr como *isto* é! Gastei uma granada, «regalo» do comandante ao *invitado,* e nada mais.

Caí em pára-quedas das alturas vertiginosas do meu assombro. Mas não me zanguei. Este Mario Santos, sempre tem cada *broma!...* Dei-lhe o braço, fraternalmente, e fui procurar Botelho Moniz. Mais uma decepção! Jogava o *pocker* com os oficiais da bateria, fumando, tranquilamente, um *puro.*

—Bôa partida, hein! O' Mario Santos, o jornalista queria vêr um *empate directo.* Arranja-lhe uma para daqui a oito dias.

Era quando se devia realizar a ofensiva, mas não havia sol, e só depois começou!

ARTUR PORTELA

«REVEILLON» NO AVIZ

Os bilhetes para a Ceia podem ser retirados ate ás 18 horas de amanhã, 6.ª feira.

O Reataurante abre as suas portas ás 22,30 e a Ceia será servida pontualmente ás 22,35.

Torna-se necessaria a pontualidade em vista de o "Menú„ ser de grande responsabilidade.

Esta festa do Aviz constituirá um grande exito de Cozinha, de Arte e de Brindes-Senhoras e Cavalheiros.

Restaurante "CAFE' PORTUGAL"

Rossio, 51 Telefone 2 5065

AVISO

NO "REVEILLON" E BAILE nesta casa, só entram as pessoas que estiverem inscriptas e para esse fim o estabelecimento será encerrado na noite de 31 do corrente 22 horas.

O MOMENTO INTERNACIONAL

Não é possivel a mediação inglesa

na questão entre a França e a Italia

LONDRES, 29.—O redactor diplomatico do «Daily Herald» escreve que já não se pensa numa mediação inglesa nas divergencias franco-italianas. E acrescenta que Mussolini desejaria que Chamberlain desempenhasse o papel de arbitro, colocando-se assim na obrigação de sugerir alguma concessão por parte da França. «Ora—diz—isto apenas comprometeria as relações anglo-francesas. O governo francês declarou claramente já que não tinha necessidade de nenhuma assistencia relativamente ao diferendo com a Italia. Bonnet declarou ao embaixador Phipps que qualquer intervenção britanica seria mal acolhida pela França. Nestas circunstancias, Chamberlain—segundo me consta— decidiu não tocar mesmo nas relações italianas durante as suas convensações e se os italianos quiserem introduzir este assunto na discussão, Chamberlain responder-lhes-á que a divergencia é entre a França e a Italia e, portanto, deve ser solucionada entre elas».—(Havas).

A viagem do Daladier á Tunisia

PARIS, 29—Campinchi, ministro da Marinha, parte sabado para Toulon onde vai embarcar no dia 1 de janeiro a bordo do cruzador «Suffren». Aquele cruzador aparelhará ás 9 horas para Bastia, onde o ministro da Marinha receberá o presidente do Conselho, que deve chegar ali logo a seguir á aprovação do orçamento pelas duas Camaras para saudar a população da Corsega antes de visitar a Tunisia. A esquadra, a bordo da qual seguem Daladier e seu sequito, será composta de dois cruzadores, o «Foch» e «Corbert», e de 3 contra-torpedeiros. Campinchi, que não acompanhará Daladier a Tunis, regressará a Toulon a bordo do «Suffren» a seguir á visita de Daladier a Bastia.—(Havas)

Todos os franceses aprovam as declarações de Daladier e Bonnet

PARIS, 29—Comentando as reivindicações italianas, o «Excelsior» escreve: «Cometeu-se um grande erro de propaganda. Certos circulos diplomaticos romanos julgaram dividir a opinião francesa, embaraçar o governo francês e preparar um «Munique» colonial. Foi o contrario que se passou. A unanimidade francesa faz-se sobre as declarações de Daladier e Bonnet de que se opunham a toda a cessão territorial ou transferencia de soberania, mas a porta fica aberta para negociações que possa sugerir o governo de Italia para uma melhor colaboração politica, economica e demografica das duas grandes nações latinas no quadro dos seus direitos soberanos».

«L'Epoque» diz: «Todos os franceses aprovaram as medidas tomadas para reforçar a defesa de Jibuti, mesmo os que se mostram defensores ardentes da politica de Munique. A Alemanha e a Italia só se inclinam perante a força. A linha de defesa que se construiu na fronteira da Tunisia fez muito mais efeito em Roma do que as notas diplomaticas. A viagem de Daladier á Corsega e á Tunisia será igualmente salutar».

O «Petit Journal» escreve: «Visto que a Italia renuncia ás ofertas que lhe fizemos em janeiro de 1935, ocupemos militarmente o territorio de Cheik Said, que nos pertence em virtude dos tratados de 1 de outubro de 1868 e 16 de julho de 1870. Ocupemos tambem a ilha de Dumarrah no momento em que os nossos amigos ingleses fortificam a organização militar da ilha de Perim. Rearmemos e conservemos a cabeça fria. Uma resolução calma deterá as gesticulações e as fanfarronadas».—(Havas)

E' provavel que Goering vá a Londres em fins de janeiro proximo

BERLIM, 29—Os circulos politicos alemães admitem nestes ultimos tempos a possibilidade duma viagem de Goering a Roma no fim do proximo mês de janeiro. Os circulos competentes declaram que o boato nasceu do paralelismo artificial que certas pessoas em França e na Grã-Bretanha estabeleceram entre a crise franco-italiana actual e a crise germano-checa, que findou com o acôrdo de Munich. Contudo—e segundo informações duma fonte geralmente bem informada—pareço que se pode considerar tal viagem como provavel lá para fins de janeiro.

Os circulos politicos de Berlim mostram-se, particularmente, satisfeitos com a «lealdade» manifestada por Ciano, por ocasião da sua viagem á Hungria, relativamente ás potencias do eixo. Esta atitude da Italia na questão danubiana parece obrigar Berlim a um reconhecimento inegavel nos problemas que interessam mais particularmente á Italia.—(Havas)

As relações economicas entre a Alemanha e a Grã-Bretnaha

LONDRES, 29—O correspondente parlamentar do «Financial Times» escreve: «Realizam-se actualmente conversações para a visita a Londres em 1939 do dr. Funck, ministro da Economia alemão, para discutir o problema comercial. Nenhuma decisão foi ainda tomada e até um certo ponto isso dependerá do exito das conversações que se possam realizar primeiro entre os financeiros alemães e britanicos».—(Havas)

As relações hungaro-checas

BUDAPESTE, 29.—A agencia telegrafica hungara comunica: o encarregado de negocios da Checo-Eslovaquia em Budapeste foi recebido pelo representante permanente do ministro dos Estrangeiros da Hungria. Evocou o incidente de Nach-Norany. O representante do ministro chamou a atenção para o comunicado que exprimia o pesar dos meios competentes hungaros, a respeito do incidente, e acrescentou que tinha a firme esperança de que tais factos se não repetiriam desde que a população da região da fronteira não fosse excitada do exterior.—(H.)

Artigo violento de um jornal americano contra o Fuehrer

NOVA YORK, 29.—O primeiro numero do «Times Magazine»—cuja atitude, em politica externa, foi sempre muito moderada—é na sua maior parte consagrado a Hitler «o homem de 1938» que o jornal ataca, com extrema violencia. Na capa figura um desenho que representa Hitler, de costas, tendo na frente um orgão munido de oito cordas das quais estão suspensos pelo pescoço cadaveres nus. Em volta do orgão, Goering e outros do III Reich contemplam respeitosamente.

O «Times Magazine» publica um artigo sobre as perseguições sofridas pelos catolicos, protestantes e israelitas do III Reich.

«O homem responsavel por esta tragedia mundial—escreve—é um pequeno austriaco de 49 anos, com bigodes á Charlot, colerico, sonhador, antipatico, estragado pela mãi, sem nenhuma instrução, falhado nos exames mais elementares, animado pelo odio contra a Viena brilhante e cosmopolita».

O artigo continua no mesmo tom examinando a situação economica da Alemanha e as medidas tomadas pelo seu governo, e conclue:

«Outras nações tomam parte na corrida aos armamentos, ao mesmo tempo que os estados maiores preguntam: Hitler bater-se-á quando estiver certo de perder a corrida?».—(Havas).

Uma nota norte-americana entregue na Wilhelmstrasse

BERLIM, 29—O embaixador dos Estados Unidos em Berlim mandou entregar ao ministro dos Estrangeiros do Reich uma nota relativa á aplicação do decreto de 14 de dezembro, que exclui todos os judeus, sem exceptuar os judeus estrangeiros, dos cargos de director na economia privada. A nota diz que os judeus estrangeiros não foram atingidos até agora por uma medida deste genero. A nota, entregue pelo encarregado de Negocios dos Estados Unidos, pede que os judeus americanos não sejam atingidos pelo decreto de 14 do corrente.—(Havas)

INICIATIVA SIMPATICA

Os policias sinaleiros

[illegible] os donativos

O sinaleiro do Chiado foi um dos mais contemplados pelos automobilistas

O Automovel Club de Portugal tomou a iniciativa, ha quatro anos, de organizar o «Natal do sinaleiro», pela primeira vez, em Portugal.

Não era uma iniciativa inédita. Em Roma e em Londres, como noutras capitais da Europa, a ideia tinha sido acolhida com a maior simpatia. E' que os fiscais do transito desempenham um papel altamente util, de protecção aos automobilistas e aos peões.

A iniciativa, em Portugal, foi coroada de exito: centenas de automobilistas demonstraram a sua gratidão, oferecendo aos sinaleiros varias lembranças.

O ano passado, o «Natal do sinaleiro» efectuou-se tambem nas ruas da capital e doutras cidades, por iniciativa do Automovel Club. Este ano, por varias razões, o clube oficial do automobilismo português recolheu na sua sede os donativos dos seus socios, os quais já foram entregues ao comando da Policia.

Todavia, a tradição continuou a manter-se, porque o Auto Club Medico Português e um grupo de automobilistas instalaram duas arvores, respectivamente, no posto em frente dos Armazens do Chiado e nos Restauradores, onde os associados daquela colectividade e os automobilistas depuseram as suas ofertas—homenagem á dedicada acção do sinaleiro.

O GOVERNADOR GERAL DE ANGOLA

vem a Lisboa conferenciar com o ministro das Colonias

LUANDA, 29—A bordo do paquete «Colonial» segue para Lisboa o sr. coronel Lopes Mateus, governador geral de Angola, que vai conferenciar com o sr. ministro das Colonias.

As manifestações de que tem sido alvo constituem a melhor demonstração de quanto todos os colonos admiram a obra do ilustre governador, que realizou, em quatro anos, uma admiravel politica de concordia e uma administração que está conduzindo ao verdadeiro ressurgimento da colonia.

O PORTO pelo telefone

Importantes sonegações de bens e outras irregularidades graves

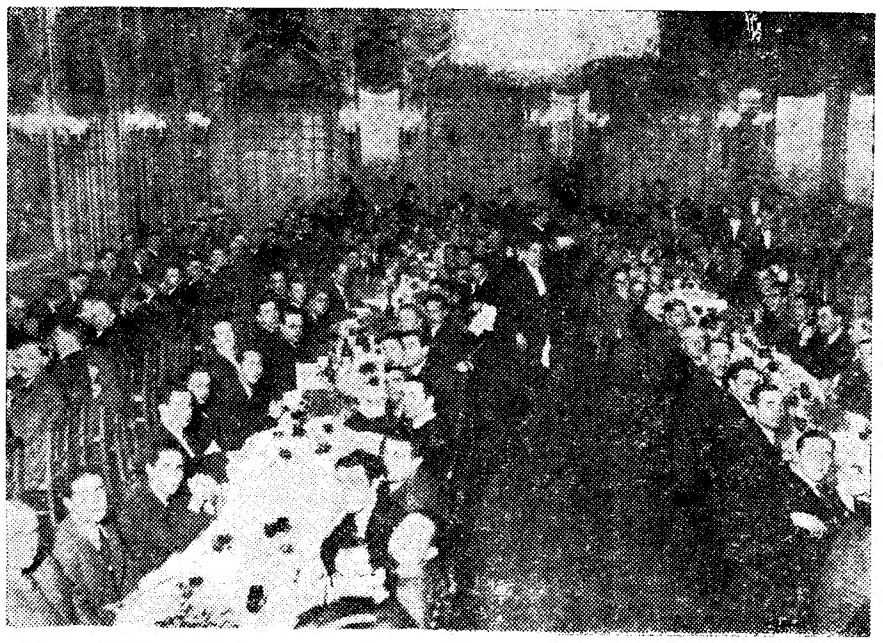
PORTO, 29. — O sr. dr. Carlos Ferreira, director-adjunto da P. I. C., e o agente Souto, da mesma Policia, têm estado em Guimarães a proceder a averiguações acêrca de alguns casos de abuso de confiança e de sonegação de bens, praticados por Antonio Alves Ribeiro Nunes de Abreu, chefe da secretaria da Irmandade de S. Francisco e tesoureiro das Confrarias da Penha e de S. Torcato, o qual foi preso e remetido para esta cidade. As burlas praticadas por este individuo vão além de 100 contos. O caso tem despertado natural interêsse.

—O sr. Moisés Vinhas, dos serviços de fiscalização particular dos generos alimenticios, apresentou queixa contra um seu empregado a quem acusa de ter cometido varias irregularidades, entre as quais o encerramento da sede daqueles serviços no Porto e a recusa a apresentar a escrita á inspecção das autoridades.

A «Familia Vacuum»

realizou com alegria

o seu jantar anual



Com grande concorrencia e animação realizou-se ontem, na sala nobre do Gremio Alentejano, o jantar anual da Familia Vacuum, que teve um lauto e espirituoso «Esquema de lubrificação», como chamaram á ementa. Presidiu o sr. Walter Smith, que sentou na mesa de honra os mais categorizados funcionarios da companhia, alguns convidados e os representantes da Imprensa, e que iniciou a curta serie de brindes.

Depois de saudar todos os membros da Familia Vacuum e de apresentar aos convidados as suas homenagens em nome dessa grande familia, o sr. Walter Smith, sub-director geral da Vacuum, lembrou o seu discurso de ha um ano em que se referiu á necessidade de se contarem as horas com o mesmo cuidado com que contamos escudos. E prosseguiu:

«Ora desde o nosso ultimo jantar gastámos 8760 horas—reduzimos, pois, nêsse grande numero de horas o balanço de tempo no nosso Banco da Vida. A questão agora consiste em vêr como cada um de nós aproveitou este grande numero de horas. Só a nossa consciencia pode responder. Estamos na epoca indicada no comercio para fazer o inventario e preparar o programa para o ano que vem. Mas quanto mais importante não é para cada um de nós aplicar esta regra a si proprio! A melhor maneira para conseguir isto é um exame de consciencia, fazendo a nós mesmos as seguintes preguntas: 1.º—Estou contente com a minha presente situação, ou quero avançar? 2.º—Quais são as minhas qualidades e aptidões que melhor devo aproveitar? 3.º — Acho-me sempre pronto—alérta—certo em todas as minhas obrigações? 4.º—Conheço as minhas responsabilidades a fundo? 5.º—Tenho procurado manter sempre uma boa apresentação, para causar boa impressão aos clientes, chefes e colegas? 6.º—Estou progredindo nos meus estudos de inglês? 7.º—Tenho sempre procurado trabalhar ao maximo e o melhor possivel, ou só 90, 75 ou 50 por cento?

Continuando no seu discurso, o sr. Smith passou a enumerar as categorias em que se acham classificados todos os empregados, com excepção dos vendedores, desde os praticantes até aos executivos, indicando as correspondentes bases de ordenados. Depois, numa exortação franca a todos os seus empregados, lembrou que numa grande organização em que, como a Vacuum, trabalham mais de 1.000 homens, devem todos eles olhar sempre para a categoria imediatamente superior, visto constituir sempre grande prazer para a direcção preencher qualquer vaga por meio de promoção. Mas a realização de tal desejo depende dos empregados, que por seu turno se devem achar sempre preparados para avançar. Convém, porisso, que façam frequentemente o inventario das suas qualidades conforme já indicou.

E prosseguindo: «Devo tambem recordar-lhes um outro ponto importante:

«A melhor epoca da vida para se avançar e progredir é entre os 25 e os 50 anos. Depois dos 50 anos, o numero de possibilidades é bastante deminuto e, por conscquencia, as promoções serão em numero bastante reduzido. Compete, portanto, a cada um aproveitar a melhor epoca, não s ópara gozar as boas coisas da Vida com aqueles que de vós dependem, como tambem para tranquilizar a voz da vossa propria consciencia, que vai decerto manifestar-se para averiguar se tem ou não aproveitado bem as aptidões que Deus lhe deu. E concluindo: «Estamos na epoca mais alegre do ano, e ouso dizer, sem medo de contradição, que cada um de nós aqui presente tem mais ou menos razões para estar contente: uns porque têm magnifica saude, outros porque têm uma vida familiar alegre e feliz, e outros ainda porque têm dinheiro na algibeira; ha mesmo alguns que gozam de todos estes beneficios ao mesmo tempo. Mas todos nós, sem excepção, gozamos pelo menos de duas vantagens magnificas: 1.ª—O custo da vida muito razoavel nêste belo país e, ao mesmo tempo, uma base de ordenados que na Vacuum excede apreciavelmente a média dos salarios em vigor nas restantes organizações de Portugal. 2.ª—A satisfação de ganhar o «Pão nosso de cada dia» num país—e posso falar nisto ainda com mais entusiasmo do que no meu ultimo discurso—num país que continua cada vez mais a dar bom exemplo de ordem e concordia aos outros países do mundo.»

Usou depois da palavra o sr. dr. Mario Gusmão Madeira, adjunto do Instituto Nacional do Trabalho, que proferiu um notavel e patriotico discurso, e pelos agentes da Vacuum o sr. Antonio Calheiros, chefe da Agencia do Porto, desejando a todos boas festas. Houve ainda uma proposta do sr. Bernardo Amoroso, aprovada por aclamação, e pela qual foram enviados telegramas de saudação ao sr. Presidente do Conselho, ministro do Comercio, sub-secretrio das Corporações, ao director geral da Vacuum, sr. Homet, que telegrafou da Suiça, e ao funcionario superior sr. Pedro Vilar, em tratamento no Caramulo.

E a orquestra, que animou o banquete, protocolarmente dirigido pelo sr. Carvalho Henriques, tocou os hinos português, norte-americano, inglês, sueco e francês, nacionalidades dos directores e convivas.

TAUROMAQUIA

Simão da Veiga no Mexico

Simão da Veiga Junior, que já este ano havia reaparecido com exito no Mexico, fez no dia de Natal a sua reaparição na praça de Touros da capital, lidando touros de Torrecillas com «El Soldado» e Paco Gorráez. Para tornar a ver o nosso compatriota encheu-se a praça «del Torco», e todo o publico o aplaudiu pelo exito obtido, recordando o que obteve na época passada. Foi tal o triunfo que Simão da Veiga Junior voltará a tourear na mesma praça no proximo dia 1 de janeiro.

Escola de Toureio

E' já no proximo domingo, 1 de janeiro, que abre a escola teorica e prática de toureio, na praça de touros do Campo Pequeno, sob a direcção do Sindicato dos Toureiros Portugueses. A cota mensal é de 10$00, sendo dispensado de pagamento de cota os que não tenham recursos.

Na escola, que funciona todos os domingos, das 15 ás 17 horas, pode ser feita a inscrição dos novos alunos.

As comemorações do Ano Novo

No Ateneu Comercial de Lisboa

Por iniciativa do curso feminino que funciona no Ateneu Comercial de Lisboa, realiza-se no proximo domingo, 1 de janeiro, das 10 ás 12 horas, uma distribuição de vestuarios ás crianças pobres, os quais foram confeccionados pelas senhoras e meninas que frequentam o aludido curso e que farão elas próprias a distribuição pelos contemplados.

Esta iniciativa tem, além do intuito beneficente, o propósito de cultivar e estimular o culto da solidariedade.

——O Sporting Club de Portugal festeja a entrada do Novo Ano em que certamente voltará a ser campeão de Portugal, com uma festa destinada aos seus socios e na sua sede, onde está aberta a inscrição.

CONTRIBUIÇÃO PREDIAL

A direcção da Cooperativa Geral dos Industriais da Construção Civil. foi recebida pelo sr. engenheiro Duarte do Amaral, secretario do sr. ministro das Finanças, a quem entregou uma exposição solicitando a isenção de contribuição predial de 5 anos para cada predio acabado de construir, e prorrogação da lei das casas economicas.

Se preguntar a um entendido qual é

a melhor gabardine,

êste responderá sem hesitar:

a melhor gabardine é a

IMPERIUM

a soberana das gabardines

Pode possuí-la por 16$00

Habilite-se aos seus sorteios

LOJA DA AMERICA — Rua Aurea, 208

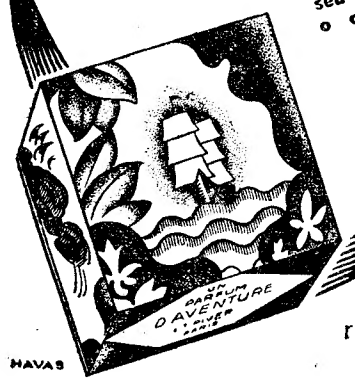
LOJA DAS AGUAS — Rua Aurea, 263

ALFAIATARIA BRASIL — Rua do Loreto, 8

FIGURINO DA AVENIDA — Av. da Liberdade, 13

A frescura da tez,

êsse aveludado que dá ao rosto tôda a doçura, devem-no as mais lindas mulheres ao pó de arroz UN PARFUM D'AVENTURE. A sua finura e o seu perfume delicado são o complemento indispensável da beleza.



UN PARFUM D'AVENTURE

L.T. PIVER

rua Saraiva de Carvalho 207-B

LISBOA

HAVAS

PFAFF

Maquina Universal Pfaff; cose, borda, faz ponto Zig-Zag, caseia e prega botões. Sempre em exposição os últimos modêlos. Peças, agulhas, óleo, lampadas e motores Pfaff. Ensino gratuito de bordados.

Santos & Araujo, Ltd.ª

49—RUA GARRETT (CHIADO) 51

Capitão de Mar e Guerra

Alfredo Rodrigues Gaspar

Missa do 30.º dia

Carolina Saavedra Rodrigues Gaspar e sua familia participam que será celebrada amanhã, 30, pelas 11 e 30 horas, na igreja de S. Domingos, uma missa de sufragio por alma de seu marido.

Agradecem a todas as pessoas que se dignarem assistir a êste acto, bem como aqueles que acompanharam o funeral, e a quem por falta de moradas não o podem fazer pessoalmente.

Depois da com da tome
CANA IMPERIAL
aromatica envelhecida em cascos
Depositarios: A. L. Simões & Pina, Ltd.ª
Rua dac Flores, 22 LISBOA

ESTRANGEIRO

Funerais e Trasladações
Agencia M. Ferreira dos Santos
RUA DE ARAUJO, 211 — Telf. 4 1987
SERVIÇO PERMANENTE

VIDA DIPLOMATICA

RIO DE JANEIRO, 29.—O Presidente da Republica, dr. Getulio Vargas, assinou um decreto pela pasta dos Estrangeiros, designando o segundo secretario Paulo Matias de Assis Silveira para servir, provisoriamente, na Embaixada do Brasil em Lisboa.—(United Press).

LONDRES, 29.—Anuncia-se o proximo casamento do sr. Vasco Vieira Garin, 2º secretario da embaixada de Portugal em Londres, com Phylis Graham, da familia Harrison.—(Havas).

A situação de Chipre

censurada por um jornal

LONDRES, 29.—O «Daily Telegraph» publica um artigo do seu correspondente particular na ilha de Chipre, o qual declara que é triste o facto da ilha não ter hoje representação eleita pela população quando a possuia, ha sessenta anos, quando estava sob o dominio turco. Uma politica mais conciliadora corresponderia aos interesses dos naturais da ilha, assim como aos do Imperio Britanico.—(D. N. B.).

OS ITALIANOS EM AFRICA

Medalha para operarios

ROMA, 29.—Foi instituida uma medalha especial para os operarios italianos que, desde 1 de janeiro de 1935 até 9 de maio de 1939, tenham trabalhado, pelo menos dois anos consecutivos, em obras publicas, na Africa Oriental Italiana. A mesma condecoração será tambem concedida aos que sofrerem qualquer desastre ou invalidez de trabalho.—(United Press).

Um quadro para a igreja de Mogadiscio

GENOVA, 29.—Foi embarcado, com destino á Africa Oriental Italiana, um quadro representando o Sagrado Coração de Jesus, para ser colocado na igreja paroquial de Mogadiscio. O quadro, depois de ter sido benzido por um prelado, foi conduzido em procissão pelas ruas da cidade, antes de ser embarcado, repetindo-se a tocante cerimonia do ano passado, quando foram embarcadas cinco Imagens da Madona tambem para Mogadiscio.—(United Press).

O MAU TEMPO NO ESTRANGEIRO

Continua o frio na America

NOVA YORK, 29.—Continua o frio em todo o territorio dos Estados Unidos. Contam-se até agora 30 vitimas do inverno, tanto por congestões como por acidentes de circulação causados pelo granizo nas estradas. Em Nova York o termometro baixou a 7 graus negativos e em Chicago 16. Em diversas localidades de Minnesota as temperaturas variaram entre 30 graus negativos e 40; em Nova Orlans baixou a zero, no norte do Estado de Nova York, a temperatura variou de 23 graus negativos em Adirondacks até 7 graus negativos em Albany.—(Havas).

A Conferencia de Lima

Um incidente com os jornalistas alemães e italianos

LIMA, 29.—A Conferencia de Lima findou com um incidente suscitado pelos jornalistas italianos e alemães, os quais se queixaram de que não tinham sido tratados em pé de igualdade com os seus colegas das outras nacionalidades, acusando o proprio ministro dos Estrangeiros do Peru. Queixaram-se tambem de não terem sido convidados para assistir á recepção dada pelo Presidente da Republica aos representantes da Imprensa; foi-lhes respondido que áquela recepção só tinham assistido os jornalistas dos paises representados na Conferencia. Os jornalistas italianos e alemães afirmam, porém, que a ela assistiram tambem jornalistas franceses.

Finalmente, não foi permitido aos jornalistas alemães expedirem para a Alemanha as informações relativas aos seus protestos. Diz-se que estas noticias foram expedidas pela via diplomatica.—(United Press).

A Holanda organiza

a defesa nacional

HAIA, 29.—Foram apresentados oito projectos de lei para a organização nacional e a defesa do país em caso de guerra ou outras circunstancias extraordinarias.—(Havas).

A POLITICA FRANCESA

Tardieu declara que lhe ofereceram a presidencia do governo

PARIS, 29.—O semanario «Gringoire» reproduz documentos postos á sua disposição por Tardieu que demonstram que Leon Blum e Delbos lhe ofereceram a presidencia dum gabinete de união, constituido em bases amplas.

O artigo do «Gringoire» é reproduzido pela «Liberté» e por varios outros jornais. Aguarda-se que Blum e Delbos, que tinham desmentido a referida oferta, respondam ao artigo de Tardieu.—(D. N. B.).

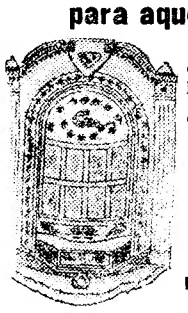
ESCOVAS «SOR» PARA FATOS

Evite a despesa das lavagens a seco dos seus fatos e vestidos, bem como os estragos causados pela traça nos abafos de peles, veludos, etc., adquirindo agora, ao preço de revenda, uma das afamadas Escovas «SOR» para fatos, com reservatorio para liquido «SOR» N.º 2 Tira as nódoas e faz desaparecer o lustro. E' incomparavel para a limpeza dos estofos dos automoveis onde o pó e as nódoas são tão dificeis de tirar.

DISTRIBUIDORES
STETTEN & C.ª Ld.ª
Rua da Madalena, 119-2.º-E.—Telef. 27219

NOVIDADE LITERARIA
A LIVRARIA BERTRAND apresenta esta semana, como novidade literaria de 1938
"DERRADEIROS VERSOS"
de Albertina Paraiso
Livros à cobrança. Catalogos gratis
R. GARRETT, 73—LISBOA

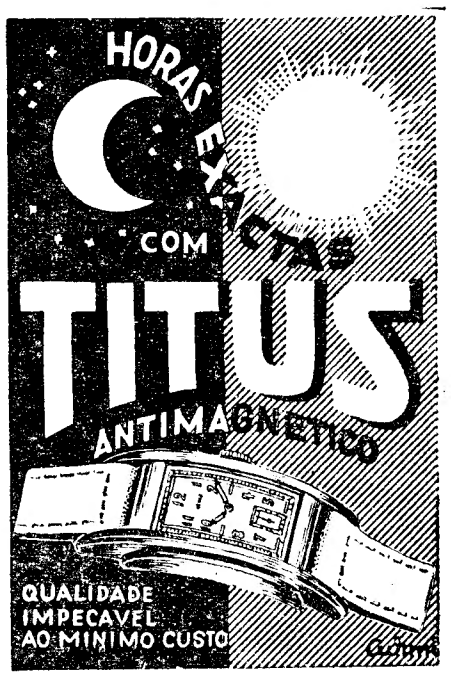
Salamandras e fogões de sala para aquecimento de:



Casas de habitação, escritorios, casas de campo hospitais, etc.
Podendo queimar combustiveis baratos.
Lindos modelos Boa ornamentação.
FABRICAS VULCANO e COLARES
Carlos Alfredo da Silva, Ld.ª
Largo Conde Barão, 13 a 17 LISBOA
Telefones 60141—6132

E porquê o Veramon?
Porque o Veramon, graças à sua composição química especial, produz o máximo efeito calmante sem prejudicar seja no que fôr. O Veramon não provoca sôno, não produz ardores no estômago nem ataca o coração.

VERAMON
Acalma sempre sem nunca prejudicar
Embalagens originais: Tubos com 10 e 20 compr.



LE ROUGE BAISER PERMET LE BAISER
POR SER UM BATON VERDADEIRAMENTE FIXO.
Esc. 27$50 — Recarga 12$50
Depósito: Largo Corpo Santo, 6, 3.

Restaurante Clementina
V. Ex.ª ceia na passagem do ano? Reserve mesa nesta casa de cozinha à Portuguesa. (Vinho especial.)
Rua Jardim do Regedor, 37, 1.º Telefone 24669

PAPEIS PINTADOS, FAZENDAS E ETAMINES
ULTIMAS NOVIDADES A PREÇOS EXCEPCIONAIS
MIGUEL DOS SANTOS, LTD.
102—RUA NOVA DO ALMADA—104 Telef. 2 5601

ULTIMAS NOTICIAS

Não compre radio sem ouvir o famoso
Supersom
O melhor receptor de T. S. F.
Rua da Conceição, 35, 1.º
LISBOA

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

As forças nacionalistas continuam a avançar

na frente da Catalunha, onde o tempo melhorou bastante

LERIDA, 29. — A's primeiras horas da manhã de hoje, as fôrças de Franco que operam pelos sectores norte, centro e sul da frente da Catalunha continuaram no seu impetuoso avanço, levando de vencida na sua frente as fôrças inimigas que tentam opôr-lhes resistencia.

Segundo as noticias oficiais recebidas até proximo do meio-dia, verifica-se que na parte da manhã os soldados de Franco conquistaram importantes objectivos estrategicos e algumas povoações de grande valor militar, tendo feito numerosos prisioneiros e causado ao inimigo centenas de baixas. O material de guerra que os «vermelhos», na sua precipitada retirada, deixam nas mãos dos nacionalistas é importante.

A aviação de Burgos continua a dominar em absoluto e coopera eficazmente com as fôrças de terra. — (United Press).

O tempo melhorou, o que facilita o avanço dos nacionalistas

SARAGOÇA, 29.—As tropas de Franco, favorecidas pelas condições atmosfericas que melhoraram consideravelmente, prosseguem no seu avanço em toda a frente da Catalunha.

No sexto dia, após o inicio da grande ofensiva delineada pelo generalissimo Franco, as forças nacionalistas conseguiram ultrapassar os picos do formidavel maciço de El Monsech, que tem 1.000 a 1.400 metros de altura, e envolver o maciço com as suas vertentes orientais, assim como, as serras de San Mamed e Montera. Através destas serras passa o rio Noguera. As forças de Barcelona já por diversas vezes, verificando a importancia das posições nacionalistas por este lado, quiseram apoderar-se delas, atacando a testa de ponte de La Baronia, mas todas as suas tentativas se malograram perante a forte resistencia dos soldados de Franco.

As forças nacionalistas de infantaria, enterrando os pés na neve, venceram toda a resistencia oposta pelo inimigo. Em sucessivos ataques á arma branca e utilizando bombas de mão, os soldados de Franco conquistaram uma serie de pequenas povoações situadas na falda oriental do maciço de El Monsech, onde a bandeira bicolôr foi cravada pelos soldados espanhois que, indiferentes á metralha inimiga e ao intenssissimo frio, gritaram a plenos pulmões: «Viva a Espanha!».

No cemiterio e na Ermida de Valderiet travaram-se encarniçados combates, em consequencia dos «vermelhos» estarem ali fortemente entrincheirados. O castigo que o inimigo sofreu foi durissimo. Para se avaliar da sua grandeza basta apenas dizer que as fôrças que defendiam estas posições estavam reduzidas a menos de 85 por cento dos seus efectivos, quando as fôrças nacionalistas se apoderaram delas pouco depois do meio dia.

Nas alturas do maciço de El Monseca registaram-se os mais belos episodios belicos da jornada. Os «vermelhos» defenderam-se com bravura, dando assim ocasião a que os soldados de Franco pudessem brilhar, por sua vez. A infantaria nacionalista que se concentrara durante a noite junto do maciço de El Monsech, cuja escalada iniciou ao amanhecer.

Episodios heroicos da luta

Depois de mais de duas horas de luta titanica com o inimigo, que esplendidamente situado fazia um fogo mortifero, e com os obstaculos naturais do terreno foram ocupados os vertices que haviam sido assinalados pelos altos comandos nacionalistas. Todas as fôrças nacionalistas que tomaram parte nesta importante operação se distinguiram por tal maneira, que não pode haver referencia especial para qualquer delas.

Na parte norte, na testa de ponte de Ballaguer, as forças de Franco romperam e conquistaram uma extensa linha de magnificas fortificações inimigas.

No sector sul do rio Segre, ou seja em Llanos de Urgel, tambem, os nacionalistas fizeram importantes progressos, conquistando Albajes, que é um importantissimo nó de comunicações. Ao norte desta povoação foi tambem conquistado o pico de Sabates, de posse do qual os soldados de Franco cortaram a estrada de Granadella e Soleras e uma importante linha de alturas até ao Ebro. Esta importante vitoria nacionalista terá muito em breve grande repercussão nas proximas operações militares.

As baixas das fôrças de Barcelona

Nas operações do dia as fôrças de Barcelona tiveram mais de 1.500 mortos Até ás 20 horas os soldados de Franco tinham já sepultado 913 cadaveres de milicianos. O numero de prisioneiros feitos foi de 974. O material de guerra apreendido foi abundantissimo, entre o qual figuram centenas de armas automaticas, quatro importantes depositos de munições, varios canhões, três «tanks», cinco carros de assalto e um carro blindado que foi incendiado.

A aviação de Burgos continua a ser um factor importantissimo nas operações que se estão desenrolando e é tal a sua actividade que não concede treguas ao inimigo. Até de noite, quando a infantaria nacionalista descansa sôbre as linhas conquistadas durante o dia, os aviões de Franco sobem e, cortando rapidamente o espaço, dirigem-se para as linhas fortificadas, concentrações de tropas e quarteis dos «vermelhos», que bombardeiam eficazmente, preparando assim o terreno para que as forças de infantaria possam no dia seguinte ou nessa mesma madrugada, manobrar convenientemente.

A aviação de Barcelona está práticamente aniquilada. Em diversos combates aereos travados durante o dia foram abatidos pelos aviadores de Burgos 27 aparelhos «vermelhos», sendo 20 «Curtiss», 3 «Martim Bomber's» e 4 «Ratas». Com os sucessivos desastres que a aviação de Barcelona tem sofrido nos ultimos dias, pode dizer-se que ela já não existe, como uma fôrça militar capaz de manobrar eficientemente.—(United Press).

O auxilio da Russia aos vermelhos espanhois

SAINT JEAN DE LUZ, 29—Radio-Barcelona anunciou que a U. R. S. S. acaba de prometer uma assistencia reforçada á Espanha sovietica. Aguardam-se viveres e material de guerra na valor de catorze milhões de rublos. As mercadorias serão transportadas em navios ingleses e franceses, para impedir a intervenção da marinha de guerra nacionalista.—(D. N. B.)

Uma estatistica sobre os atentados contra membros do clero espanhol

CIDADE DO VATICANO, 29—O «Osservatore Romano» publica uma estatistica referente ás vitimas do clero espanhol sacrificadas pelos vermelhos. O numero de sacerdotes e religiosos massacrados pelos vermelhos é de 40 a 70 por cento. De 25.879 igrejas, mosteiros, abadias e conventos, 17.000 foram incendiadas pelos vermelhos. Na provincia de Castellon não deixaram um só templo intacto.

Informa ainda o «Osservatore Romano» que os bispos de Almeria e Cadiz foram obrigados a transportar carvão para o cruzador «D. Jaime I» onde depois foram encarregados de varios serviços de limpeza, por entre a mofa dos tripulantes; finalmente. os dois prelados foram lançados ao mar com outras vitimas. Tambem prenderam o pároco de Carrascalejo e a mãi, já idosa, matando-o na sua presença. A pobre senhora pediu que a matassem tambem, o que fizeram barbaramente.—(United Press)

Navio suspeito

LONDRES, 29—O «Daily Herald» informa que «ontem um navio de guerra nacionalista deteve no alto mar o petroleiro grego «Atlas», que, procedente de Batum, seguia para Londres. Foi conduzido á força para Palma de Maiorca, onde está retido. Foram dadas com urgencia instruções ao agente britanico em Burgos para que obtenha a libertação imediata deste petroleiro que navegava por conta dos interesses britanicos. Além disso o governo inglês associou-se antecipadamente a qualquer protesto que possa fazer o governo grego. Consta que a totalidade do carregamento do «Atlas» está segura em Londres».—(Havas)

As suposições do jornal «L'Ordre»

PARIS, 29—Em correspondencia de Londres, «L'Ordre» diz:

«Está entendido que Chamberlain não irá a Roma para falar dos problemas franco-italianos e não se apresentará como medianeiro. O que interessa em primeiro lugar á Inglaterra é a evolução da questão de Espanha e este interesse é tanto maior quanto é certo que, segundo as ultimas noticias recebidas em Londres, acabam de chegar reforços italianos ao general Franco que excedem, pelo menos, as retiradas espectaculosas feitas pouco antes da ratificação do acôrdo da Pascoa».—(Havas)

O secretario da II Internacional em Barcelona

BARCELONA, 29—Fritz Angler, secretario geral da II Internacional, chegou a Barcelona em companhia do dr. Bloch, delegado da assistencia sanitaria internacional. Os dois visitantes que estudavam «in loco» os meios de prestar auxilio á população civil espanhola foram surpreendidos pela morte de Vandervelde. Partirão hoje para Bruxelas a-fim-de assistirem ao funeral do chefe socialista.—(Havas)

Morte de um primo de Afonso XIII

BURGOS, 29—Faleceu o principe Afonso Maria de Bourbon, marquês de Santa Fé, primo do ex-rei Afonso XIII. O principe Afonso de Bourbon era coronel do exercito nacionalista e faleceu, em consequencia de ferimentos, no hospital de Valadolid.—(U. P.)

Arcadia

O Cabaret de Lisboa que tem a honra de apresentar a melhor orquestra portuguesa **Almeida Cruz** e a grande orquestra Argentina dirigida pelo insigne compositor Carlos Flôres—Novos numeros pelas atracções internacionais. Dia 31: **GRANDE REVEILLON com atracções e surpresas inéditas em Portugal. 2 orquestras uma portuguesa e outra argentina, que em Paris alcançou um sucesso sem precedentes. Reserve a sua mesa pelo telefone n.º 2 8891.**

A SITUAÇÃO NA PALESTINA

Apareceu são e salvo

o banqueiro

que fôra raptado pelos arabes

LONDRES, 29. — De Jerusalem comunicaram á Reuter que o director do Banco Ottomano, raptado pelos arabes, comunicou ás autoridades e ao Banco que se encontra em Jericó, são e salvo, e que regressa hoje a Jerusalem.—(Havas).

LONDRES, 29. — De Jerusalem informam á Reuter:—O director do Banco Ottomano que, como se sabe, havia sido raptado pelos bandidos, chegou a Jerusalem.—(Havas).

Os metodos terroristas dos arabes

LONDRES, 29. — O «Times» ocupa-se dos metodos terroristas empregados pelos insurrectos arabes, na Palestina, contra os seus compatriotas que não aprovam a sua campanha. Acrescenta aquele jornal que os terroristas conseguem apoderar-se daqueles elementos que prendem nos seus campos, sujeitando-os a maus tratos, açoutando-os e espancando-os. Por vezes são postos em liberdade, desde que paguem avultados resgates.—(United Press).

A anunciada Conferencia da Mesa Redonda terá grande importancia

JRUSALEM, 29.—E' provavel que assistam á Conferencia da Mesa Redonda, Nuri Pachá Said, pelo Irac; Turic Pachá Abulhadá, pela Transjordania, e Emir Faycal, pelo Reino Seudita.

Os part dos moderados arabes preparam-se para corresponder ao desejo do governo britanico. Só os organismos judeus e sionistas manifestaram o desejo de se abster das conversações.

Parece todavia que a decisão dos judeus não é definitiva e que o dr. Weizman obterá do «comité» dirigente judeu de Londres que reconsidere no sentido de ter uma participação efectiva na Conferencia. Os meios politicos da Palestina esperam reunir todos os interessados em volta da Mesa Redonda. Fo, atribuida a Faycal a intenção de defender sugestões conciliadoras no que seria secundado pelo Irac e o Egipto e que Fand Mufti aprovaria, no interesse do bom entendimento entre os povos muçulmanos. Esta solução tem já a adesão dos arabes moderados e do grupo de Nash-Shidi.

Segundo consta, a formula susceptivel de ter a aprovação da maioria dos delegados assentaria na ideia do cooperação mais estreita das politicas francesa e inglesa em todos os Estados do Levante sob mandato. A solução comportaria a aplicação das promessas contidas na declaração Balfour.—(Havas).

O destino da França

e a defesa de dignidade humana

LILLE, 29—O cardial Lienart, ao receber ontem á tarde os cumprimentos do clero da sua diocese, sublinhou com emoção os perigos que corre a fé catolica na Russia, Alemanha, Austria, Espanha, e até na Italia. Aludiu ás «abjurações oficiais» organizadas naqueles paises contra a Igreja, contra o sacerdocio e contra as vocações religiosas. «A França—acrescentou o cardial Lienart—como recentemente o declarou o Soberano Pontifice, está visivelmente destinada pela Previdencia, na hora actual, a ensinar o Mundo a salvaguardar a dignidade da pessoa humana. O velho anti- clericalismo—disse— passou de moda no nosso país e a Igreja já não é, como outrora, objecto de desprezo e de suspeitas. Possa o clero francês—concluiu—apressar, pelo seu zelo e santidade, a realização dum belo sonho: cristianizar de novo o Mundo».—(Havas)

Dr.ª LAURINDA ALAMBRE
Doenças uterinas
R. Garrett, 74, 1.º - das 2 às 6 - Telef. 2 0524

ECOS

O DR. João Eloy não é só um funcionario e jurisconsulto distinto, com muitos estudos e trabalhos valiosos a documentá-lo. E' tambem um escritor e um conferencista de mérito.

O seu livro «Boémia Coimbrã», que foi agora publicado, com um brilhante prefacio de Ramada Curto, é mais uma prova disso.

Ninguem que tenha passado por Coimbra deixará de ler, com agrado e saudade, esse livro evocador em que a alegria da mocidade boémia estua e esplende. E quem por lá não passou não perderá nada em se deixar contagiar por ela.

* * *

EDITADO pelo autor sr. Pereira de Matos, apareceu no mercado «A Inefavel Historia de Matias Bom-Senso», «charge» de figuras e de acontecimentos politicos contemporaneos situados «em plena Republica Possidonia—nem ao norte, nem ao sul, nem a leste, nem a oeste, nem prata, nem raia, numa palavra: nem cá, nem lá...» —como se explica nas primeiras linhas do livro, que se lê até ás ultimas com interesse.

* * *

O LIVRO do distinto advogado e escritor sr. dr. Herlander Ribeiro, «Alma Judia», que foca um dos assuntos mais dolorosos do nosso tempo, vai ser traduzido em hungaro sob a direcção do professor dr. Paulo Pronai, secretario do «comité» da Alliança Franceza. A conferencia do escritor português na Libanon, feita sôbre a materia do seu livro, foi lida pelo professor Ronai. Aquele advogado vai repeti-la em Londres e Paris.

* * *

SOB os cuidados da Agencia Geral das Colonias, publicou o poeta Silva Tavares dois poemetos particularmente destinados á inteligencia e á emoção das criancinhas e dos adolescentes das terras do imperio colonial.

Intitulam-se «Dia do meu menino» e «Roteiro da Mocidade do Imperio». O primeiro é ilustrado por D. Raquel Roque Gameiro e o segundo por Almada Negreiros.

* * *

O DR. Armando Narciso publicou a interessantissima tese que apresentou ao II Congresso Internacional Medico para o Estudo Cientifico do Vinho e da Uva. Intitula-se «A cura pela uva nas estações termais e climaticas portuguesas» e contem preciosos ensinamentos sobre a materia em que o ilustre clinico é especialista.

* * *

FOI posto, ontem, á venda, em apurada edição da Livraria Bertrand, um livro da ilustre poetisa sr.ª D. Albertina Paraiso, intitulado: «Derradeiros versos». Dados o nome e o talento da sua autora, é de esperar que o publico o consagre com verdadeiro entusiasmo.

* * *

O EMINENTE cientista professor sr. dr. Ricardo Jorge fez publicar, redigido em francês, e editado pelo Instituto de Higiene que tem o seu nome, um valioso trabalho constituido por uma série de estudos e comunicações acêrca de «Febre Amarela».

* * *

ESTÁ já á venda a segunda edição de Maria Paula, *o romance de Joaquim Paço d'Arcos que tão apreciado e discutido tem sido pela critica e pelo publico.*

TEMAS DE AGRICULTURA COLONIAL

A cultura de chá nas colonias

Temos ainda outros produtos coloniais de menos importancia, se atendermos ao volume da sua exportação actual.

Chá — E' uma cultura que só pode ser explorada por companhias, devido ao grande emprêgo de capital, principalmente no maquinismo para a sua preparação. De resto, é o que sucede no Nyassaland e em Ceylão.

Derivados da mandioca—O seu consumo é ainda muito limitado em Portugal, por falta talvez de propaganda. Em todo o caso, o que consumimos é importado quasi todo do Brasil. A sua exploração deve ser tentada pelos colonos brancos.

Cera — Explorada, exclusivamente, pelos indigenas. Metodos grosseiros e antiquados, mas se os quisermos trocar por outros modernos e cientifcos, da-se este paradoxo curioso: desaparece a sua exportação.

Referencia á exportação de peles, madeiras, gado vacum, etc., cujo desenvolvimento está ligado inteiramente á questão dos fretes marítimos, melhor cabimento tem quando tratar da nossa navegação para as colonias.

Diz-nos a autorizada opinião do ilustre oficial Ribeiro Salgado, baseado em elementos estatisticos, que, desviada para as duas colonias Angola e Moçambique, a importação de algumas materias primas, principalmente tabaco e algodão, que hoje importamos em grande parte do estrangeiro, facilmente obteriamos um valor não inferior a um milhão de libras anualmente.

Passemos agora uma rapida revista acêrca doutro elemento de colonização e nacionalização—o elemento comercial.

Cada colonia tem, sob este ponto de vista, caracteristicas proprias, especiais, subordinadas um pouco á sua situação geografica, que lhes permite afastar a concorrencia do pequeno comercio europeu.

Em Macau e Timor o chinês tem o monopolio do pequeno comercio, o que, aliás, sucede noutras colonias estrangeiras; em Java com os seus 30 milhões de habitantes, é ainda o chinês que absorveu todo o comercio com o indigena e identico facto se dá em todos os estreitos malaios.

Na India, escusado será dizer que é o indiano o unico comerciante que ali existe.

Em Moçambique são ainda os indianos que na sua quasi totalidade são os detentores de todo o comercio com o indigena e numa grande percentagem, tambem com o europeu.

Em toda a colonia, incluindo os territorios da Companhia de Moçambique temos 8.475 comerciantes indianos, sendo 3.478 da India Portuguesa e 4.997 indo-britanicos, o que representa mais dum terço de toda a população branca e quasi dez vezes mais, em relação ao numero de comerciantes europeus. Conseguiram até afastar a concorrencia dos proprios chineses, que são, em toda a colonia, em numero de 896, mas quasi todos empregados na horticultura ou exercendo varios oficios.

Os indianos vivendo miseravelmente não se encontram associados a qualquer empreendimento, que represente algum beneficio para a colectividade, e, o que é pior, detentores tambem de uma parte importante da propriedade urbana, que lhes foi parar ás mãos, em momentos de crise, que eles não sentiram.

Além de serem os principais agentes da drenagem do ouro para fora da colonia, os principais artigos do seu consumo: arroz e especiarias para a sua alimentação e algodões para a sua modesta indumentaria, nada mais gastam e mesmo estes artigos vêm da India Inglesa.

Todas as colonias inglesas da Africa Oriental são vitimas do mesmo mal, atenuado, porém, por algumas medidas administrativas coartando-lhes certas regalias, exemplos que o nosso estupido liberalismo não segue. Até não falta quem apareça a defendê-los.

Em pleno Conselho de governo, já ouvi, e ao mesmo vogal, uma vez, chamar-lhes: *parasitas, sanguesugas, escairacho daninho* e mais tarde: *pioneiros da civilização, andorinhas do progresso!* — o que me levou a preguntar, a final, em que assentávamos?!... que pela minha parte já estava fixado, considerando os comerciantes indianos, salvo raras excepções, economicamente indesejaveis.

Angola, Guiné, Cabo Verde e S. Tomé têm sôbre Moçambique e as outras colonias do Oriente a superioridade do seu comercio retalhista estar na sua totalidade nas mãos dos portugueses.

Para concluir, temos que nas nossas duas maiores colonias dois elementos existem que prejudicam a nossa colonização em diversos campos da nossa actividade.

Em Moçambique, o asiatico, ave de arribação que só espera juntar um certo peculio, para levantar o vôo e ir poisar de vez, na India Inglesa ou Portuguesa.

Angola, felizmente para ela, está em caminho de se vêr livre dum dos males que a afligia com a acertada medida que terminou com a deportação dos degredados.

O ex-degredado é sempre um mau elemento de colonização e pior, se estiver em contacto com o indigena.

E' saber o que se passou com a Australia e com a Taomania. Quasi meio seculo a reclamarem contra a deportação dos condenados.

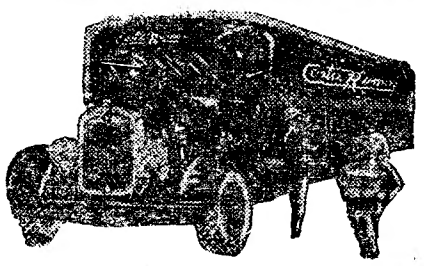
Tem defensores a teoria da possivel regeneração dos criminosos, tirados do meio em que viviam e transportados para outro completamente diferente.

E possivel que este facto se dê com o assassino, que, num momento de cólera, praticou o crime, mas como esta especie de criminoso constitue uma reduzida minoria, para os restantes não ha regeneração possivel.

AUGUSTO CABRAL

«A VOZ DO OPERARIO»

A biblioteca infantil de «A Voz do Operario», que foi inaugurada em 23 do corrente, continua patente ao publico até ao proximo sabado, 31, das 19 ás 23 horas.



TRANSPORTES COSTA RAMOS

Domicilio a Domicilio

Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o país. Carros especiais para mobilias.

PORTO — R. Guerra Junqueiro, 7 — Telef. 15061-15062

LISBOA — R. S. Julião, 34, 36 — Telef. 27200

CORREIO AÉREO PARA ANGOLA

Expedição: TODOS OS DOMINGOS — Chegada a LUANDA: TODAS AS SEXTAS-FEIRAS

SOBRETAXAS: Cartas e postais — 6$00 por 10 gramas
Outros objectos — 9$00 por 50 gramas

ENTREGA DAS CORRESPONDENCIAS: Na Central dos Correios, até ás 5 horas da manhã de Domingo

AERO-PORTUGUESA

33, R. do Arsenal

Telef. 2 3371

A' margem da semana

Um orador

Poucas vezes um orador moderno nos dará o rarissimo prazer espiritual, a nobre comoção que sentimos ao escutar o ilustre escritor espanhol José Maria Péman.

Ha dias, numa festa de beneficencia no cinema Condes, pudemos, mais uma vez, observar o colorido maravilhoso da sua palavra. Péman possue um conjunto de qualidades que é dificil encontrar num orador do nosso tempo: voz clara, expressiva e bem timbrada, sem excesso de tonalidade molesta; figura e gesto de extrema distinção; eloquencia vibrante, ardente, sem verbosidade banal; fluencia de imagens originais, comunicativas, de pensamentos profundos e sugestivos, de observações flagrantes que surpreendem e cativam.

O dom da palavra é um dos mais poderosos e impressionantes, mas na epoca actual quasi nunca encontra o justo equilibrio. Se é exuberante, fatiga e cái frequentemente na vulgaridade; se é sobrio inclina-se em muitos casos para o excesso contrario e aproxima-se da frieza e da monotonia.

José Maria Péman salva-se de todos estes escolhos, pelas qualidades já apontadas e por mais duas que não citei, mas que ficaram subentendidas: inteligencia e poesia. E assim o mar da sua eloquencia rola as suas ondas, ora brandas ora agitadas, numa claridade pura e luminosa em que o talento do poeta se adivinha.

Mesmo quando não vos fala em verso, Péman é um poeta, e como poeta nos diz que: «onde ha uma alma e dois braços, ha uma cruz».

Efectivamente, na cruel e sublime contradição do nosso tempo, e nessa tormentosa guerra de Espanha, quantas almas abrem corajosamente os braços da sua cruz!...

MARIA DE CARVALHO

Invalidos do Comercio

A comissão de propaganda de Invalidos do Comercio, que orientou o sorteio realizado pela lotaria do Natal, iniciou já a entrega dos premios aos contemplados que se apresentaram a recebe-los.

Assim, na secretaria central da mesma instituição, á rua dos Fanqueiros, assinaram-se anteontem os autos de entrega, referentes aos 1.º, 3.º, 4.º e 5.º premios.

O automovel «Willys», respeitante ao primeiro premio, coube ao sr. Antonio Silva Albuquerque; a maquina de costura «Mundlos», que competia ao 3.º, ao sr. Eduardo Gil; a maquina de escrever «Torpedo», correspondente ao 4.º, ao sr. Homero Ribeiro Alves, e a bicicleta «Star», 5.º premio do sorteio, ao sr. Carlos Peixoto de Carvalho.

Todos os contemplados são profissionais do comercio, três caixeiros e um empregado de escritorio, e residem em Lisboa.

Não são ainda conhecidos os nomes dos detentores dos bilhetes que dizem respeito aos 2.º, 6.º e 7.º premios.

Sopa dos pobres da Ericeira

ERICEIRA, 27.—Começou ha dias e prolongar-se-á até março a distribuição diaria de sopa a 210 pobres desta freguesia .E' uma obra de alto valor para os desprotegidos da sorte, visto que para a maioria deles é a sopa o seu alimento exclusivo.

A manutenção desta sopa deve-se, principalmente, a um grupo de benfeitores que na epoca do veraneio, quer com recitas, festas ou por outro modo tem conseguido angariar donativos, para nesta quadra invernosa proporcionar aos infelizes um pouco de conforto.

A nova sede da Comissão de Propaganda de Cascais

Na proxima terça-feira, 3 de janeiro, pelas 21 e 30, realiza-se a inauguração da nova sede da Comissão de Propaganda de Cascais, na rua Afonso Sanches, n.º 16 (Casa Santo Antonio). O conselho directivo daquele organismo resolveu inaugurar ao mesmo tempo, numa das salas, um gabinete destinado permanentemente á Imprensa, em sinal de reconhecimento pelos relevantes serviços que tem prestado áquela região de turismo.

Morte dum velho desconhecido

Na praia de Xabregas foi encontrado caído um pobre velho. Conduzido ao hospital de S. José chegou ali morto. O cadaver recolheu ao necroterio.

Banquete de confraternização

Na sequencia das comemorações do 25.º aniversario da fundação do Instituto Superior de Ciencias Economicas e Financeiras, realiza-se no proximo dia 4 de janeiro, pelas 20 horas e 30, no Club Maxim's, um grande banquete de confraternização de todos os licenciados em ciencias economicas e financeiras, a que presidirá uma comissão de honra constituida pelos srs. drs. Moses Amzalak, Beirão da Veiga, Antonio Malheiro, Alfredo da Silva, Jaime Thompson, Samuel de Oliveira e Pires Cardoso.

A inscrição encontra-se aberta na livraria Antonio Maria Pereira, na rua Augusta, 50.

No mesmo dia, pelas 9 e 30, rezar-se-á missa na igreja de S. Domingos, pelos professores e alunos do Instituto já falecidos, e, pelas 17 e 30, efectuar-se-á uma visita ao Instituto Superior de Ciencias Economicas e Financeiras.

NOTICIAS DA MURTOSA

MURTOSA, 27.—As delegações paroquiais da Campanha de Auxilio aos Pobres no Inverno, deste concelho, estão em preparativos para, mediante as instruções recebidas, começarem a distribuir pelos pobres das suas freguesias, generos alimenticios, referentes á primeira distribuição da IV campanha.

PRODUTOS DE BELEZA

OLY

Por muito bom que seja o pó de arroz, ele não se poderá fixar nem aveludar o rôsto se a pele fôr oleosa, inconveniente esse que acarreta defeitos proprios destas peles, como póros abertos, pontos negros, espinhas, etc.

Os defeitos provenientes das secreções glandulares da epiderme levou a ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA a criar produtos, acreditados hoje, pelos bons resultados obtidos. A sua pele normalizar-se-á sem ter que evitar o emprego de produtos de beleza.

Basta para isso tratar-se com produtos OLY e usar na ordem natural da toilette diaria o LEITE OLY que rejuvenesce, evita sardas e limpa os poros; aplicar o ROUGE e o CREME OLY especiais para estas peles e finalizar pelo PÚ D'ARROZ OLY que manterá á superficei da pele as suas beneficas qualidades. A sua pele regressará assim ao normal.

Academia Scientifica de Beleza

Lisboa—Av. da Liberdade, 35—Telef. 2 1866

OLYMPIQUE

R. DA PALMA, 167

União Electrica Portuguesa

(S. A. R. L.)

Sede: Rua Duque de Loulé, 240 - PORTO

Conforme anuncios publicados, foram sorteados em 20 do corrente, para amortização em 1 de Janeiro de 1939, titulos correspondentes a 25.000 obrigações de 6 1/2 0/0 (4.ª emissão).

A lista respectiva, feita a publicação legal, será distribuida na séde da Sociedade e no Banco Pinto & Sotto Mayor, Lisboa e Porto.

O pagamento das obrigações sorteadas, bem como dos cupões n.º 8 da 4.ª emissão (6 1/5 0/0, n.º 6 da 5.ª emissão (5 0/0) e n.º 3 da 6.ª emissão (5 0/0, será efectuado no Banco Pinto & Sotto Mayor, Lisboa e Porto, em todos os dias uteis excepto aos sabados, desde o dia 2 de Janeiro de 1939.

O valor dos referidos cupões, é:

N.º 8 da 4.ª emissão (6 1/2 0/0) 3$57,5.

N.os 6 e 3, respectivamente da 5.ª e 6.ª emissões (5 0/0) 2$50.

Porto, 20 de Dezembro de 1938.

A DIRECÇÃO

VIDA MUNDANA

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as sr.as:

Viscondessa de Odivelas, viscondessa de Asseca (D. Luiza), D. Maria Helena Burnay da Costa Pessoa, D. Maria de Lourdes de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), D. Maria Teresa Amaral Vital, D. Maria Amelia Correia Mendes e a menina Gertrudes Maria Pereira de Sameiro Martins Mourão.

RECITA ELEGANTE

No Trindade

Começou esta tarde, com extraordinaria animação, no atrio do teatro da Trindade, a troca de cartões provisorios pelos bilhetes definitivos, para a recita alegante que naquele teatro se efectua na noite do dia 4 de janeiro, em homenagem aos cronistas mundanos e nossos colegas de redacção Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques. A troca continuará amanhã e depois, no mesmo local, das 16 ás 19 horas.

NA COSTA DO SOL

No Casino Estoril

Assistencia elegante ao «chá-dansante» e «Arvore do Natal» do Casino Estoril, no passado domingo:

D. Ana Maria Lobo Santos Costa e filha, marquesa de Ponte de Lima, viscondessa de Batalha, viscondessa de Tojal, baronesa de Caldéro, D. Esmeralda Linhares de Lima, D. Maria Carmina Freire de Andrade de Sousa Lobo, D. Maria Antonia de Sampaio Homem de Melo, D. Julia Pinto de Gouveia, D. Laura Serranho Teixeira de Sousa, D. Julia Rino, D. Maria Joana Rino Frois Mousinho de Albuquerque, D. Felismina Canas Cardim, D. Tomazia Canas Ereira, D. Julia Canas de Aguiar, D. Emilia Aranha Gonçalves, senhora de Auziello e filha, D. Maria Cristina Rino Frois Pinto da Silva, D. Maria Cristina de Castelo Branco Pimenta da Gama, D. Maria Cristina de Campos Figueira, D. Maria Luiza de Mascarenhas Alcobia e filhas, D. Maria Adelaide Ribeiro da Cunha Azevedo Rua, D. Eugenia Teles da Silva Gonçalves, D. Maria Baltazar Pinheiro Chagas, D. Rosa Barroso de Matos Cid e filhas, D. Mildred Stern, D. Laura Azarey Torres de Carvalho, senhora de Aberlé, D. Branca do Carmo Soares Branco, D. Irene Bertrand, senhora de Calabresi e irmã, D. Jeane Von Gingelen e filha, D. Clotilde Viana, D. Esperança Cardim Bastos, D. Margarida Lot, D. Julia Vilar Costa, D. Maria de Sousa Machado da Rocha Leão e filhas, senhora de Victor Cordier, D. Maria Eugenia Pedroso Olimpia de Seabra, D. Angela do Ceu Moreira de Sousa Quaresma Gomes, D. Isaura de Castro Araujo de Santana, D. Maria Augusta Calderon Diniz, D. Alda Rodrigues, D. Gracinda de Castro Araujo, D. Helena Oulman, etc., etc.

Na noite de 31 do corrente, realizar-se-á, como nos anos anteriores, a tradicional «ceia do fim do ano», para a qual estão já tomado grande numero de mesas, o que nos leva a crêr que será ali que tudo que de melhor conta a nossa sociedade elegante dará ponto de reunião nessa noite.

CASAMENTOS

Na paroquial de S. Jorge, em Arroios, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Isabel Marques Perez, com o tenente da armada sr. Rui Pires Branco, Foram padrinhos os srs. dr. Luiz Vasco Perez, e Fernando Castelo Branco. Presidiu ao acto o prior da freguesia, reverendo conego dr. Martins Pontes, que antes da missa, que foi rezada pelo reverendo Pio, fez uma brilhante alocução. Finda a cerimonia foi servido na elegante residencia da mãi da noiva, sr.ª D. Adelaide Marques Perez, um finissimo lanche. Os noivos receberam grande numero de valiosas e artisticas prendas.

— Na igreja de Nossa Senhora de Fatima realizou-se o enlace matrimonial da sr.ª D. Lidia de Vilhena Almeida Homem, filha da sr.ª D. Mariana de Vilhena Almeida Homem e do sr. dr. Joaquim Almeida Homem, juiz do segundo Tribunal Militar Territorial, em Lisboa, com o sr. dr. Antonio Matos de Sousa, filho da sr.ª D. Maria José Matos de Sousa, já falecida, e do sr. José Mancio Soares de Sousa, proprietario em Ferreira do Alentejo. Foi celebrante o reverendo conego Avelino Gonçalves, secretario geral da Acção Catolica, que fez uma interessante alocução aos noivos.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva seu pai e sua tia a sr.ª viscondessa de Ferreira do Alentejo, representada por sua filha sr.ª D. Monica de Vilhena Vasconcelos e, do noivo sua tia, sr.ª D. Maria da Luz dos Santos Gomes, representada pela irmã do noivo sr.ª D. Maria Luiza de Sousa Reis, e o sr. dr. Luiz Figueira, sub-director do Instituto Camara Pestana. Seguiu-se missa acompanhada a orgão,. Na residencia dos pais da noiva foi servido um finissimo lanche. Na «corbeille» viam-se lindas e valiosas prendas.

—Celebrou-se na paroquial do Coração de Jesus, a Santa Marta, o casamento da sr.ª D. Maria Cesarina Martins Tavares, gentil filha da sr.ª D. Antonia Adelaide Martins Tavares e do sr. dr. José Eduardo Tavares, já falecido, com o sr. Mario da Costa Carvalho Gonçalves de Castro, filho da sr.ª D. Alzira Costa Carvalho de Morais e Castro e do sr. Armando Gonçalves de Morais e Castro. Fôram madrinhas a mãi da noiva e a sr.ª D. Maria de Almeida Monteiro de Sousa, e padrinhos os srs. Ernesto Rodrigues Bastos e Julio Felix.

Finda a cerimonia foi servido um finissimo lanche. Os noivos receberam grande numero de artisticas prendas.

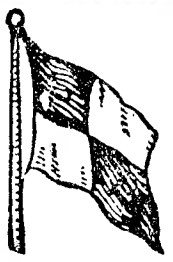
O maior e mais chic sortido em «bouquets» para vestidos de noite e flores decorativas. Confrontem os preços da Camelia Branca, L. Bordallo Pinheiro, 30 (ao Chiado).

Meias Finissimas

A preços baratissimos só no

Campião das Meias

Rua Serpa Pinto, 16 D. (Ao Chiado)



Companhia Nacional de Navegação

Linha rapida da Africa Ocidental

No dia 7 de Janeiro, pelas 16 horas, sai o vapor

«CABO VERDE»

Com destino aos portos de S Vicente, Praia, Principe, S. Tomé, Cabinda, Sazaire, Ambriz, Luanda, Dande, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Cuio, Mossamedes, Porto Alexandre e com baldeação em Luanda para os portos de Landana, Noqui, Ambrizete, Boma e Matadi (Congo Belga).

IMPORTANTE:—A carga será recebida até ás 20 horas do dia 4 e depois desta data, até ás 18 horas do dia 6, com o aumento de 20 0|0 sobre o frete, segundo resolução do CONSELHO DE TARIFAS PARA AS COLONIAS DE AFRICA.

ATENÇÃO:—Os paquetes desta Companhia estão classificados na classe 100A1 do Lloyds.

Esta Companhia aceita carga nos portos do NORTE DA EUROPA, MEDITERRANEO e AMERICA DO NORTE, em conhecimento directo para o portos de Africa e com baldeação em Lisboa para os paquetes das carreiras de Africa, e vice-versa.

Todas as mercadorias carregadas no estrangeiro, nestas condições, seguem de Lisboa em regime de reexportação, a fim de poderem gozar do beneficio pautal de 20 0|0.

A todos os passageiros que se destinem ao Congo Belga recomendamos a passagem nos paquetes desta Companhia até Pointe Noire, onde tomarão o Caminho de Ferro que os conduz ao seu destino.

Para esclarecimentos e mais informações:

Sede, em **LISBOA: Rua do Comercio, n.º 85**—Tel. 2 3021.—(6 linhas)
Sucursal, no **PORTO: Rua Infante D. Henrique, n.º 73, 2.º**—Tel. 1434.

As Olimpiadas de Berlim

O filme de Leni Riefenstal vai ser exibido em Lisboa, em festa de gala

O Comité Olimpico Português e a legação da Alemanha convidaram o sr. Presidente da Republica, ministros, corpo diplomatico, membros da comissão consultiva do Comité Olimpico, presidente das federações nacionais a assistirem á primeira exibição do famoso filme de Leni Riefenstal «Olimpiadas de Berlim», que será feita, por amavel deferencia da empresa do S. Luiz, tal como se fez em todas as capitais europeias, com todo o brilho duma recita de gala. O teatro será decorado com bandeiras vindas directamente da Alemanha.

O Comité Olimpico Português conseguiu da empresa do S. Luiz que, deve dizer-se, é dirigida por um notavel desportista e excelente esgrimista, que os bilhetes livres não sejam postos á venda antes de sabado, 31, do corrente, para facilitar essa venda aos elementos mais preponderantes no desporte nacional e entregou a regularização deste trabalho aos srs. Vasco Ribeiro, Armando de Brito e capitão Maia Loureiro. O trabalho relativo aos convites foi entregue aos srs. Dario Canas e dr. Cesar de Melo.

A estreia foi marcada para a noite de terça-feira,, 3 de janeiro.

A Festa do Trabalho em Cuba

CUBA, 24—Realizou-se ontem nesta vila, a Festa do Trabalho, da Casa Agricola da Familia Taquenho, a primeira festa deste genero que se fez no Baixo Alentejo, de cooperação com a Casa do Povo desta localidade e durante a qual foram descerrados os retratos dos srs. general Carmona e dr. Oliveira Salazar.

Depois de terem visitado todas as dependencias da Casa do Povo, procederam os dois filhos do sr. Taquenho á distribuição de senhas ás crianças pobres, filhas dos socios da Casa do Povo, que lhe dariam ingresso no lagar da Familia Taquenho, onde seria servido um jantar.

Noticias de Seixas do Minho

SEIXAS DO MINHO, 25—No Tribunal de Caminha, respondeu Maria da Luz da Cunha, a «Cantoneira», acusada de agredir sua irmã, Abadia da Natividade. O juiz substituto, ponderando a circunstancia da prova testemunhal ser fraca, condenou a acusada na pena de três dias de prisão correccional remiveis a 10 escudos por dia; 200 escudos de imposto de justiça e mais acrescimos legais; 20 escudos ao defensor; 32 escudos a cada medico, e 20 escudos á ofendida para medicamentos.

— Vão começar os trabalhos da colocação dos peralelipipedos, que são assentes em «beton», nas obras do cais de S. Sebastião. Em seguida será construida a «lingueta», que terá o comprimento de 30 metros.

Festa legionaria em Moncorvo

MONCORVO, 25—Houve hoje aqui uma concentração de legionarios dos diferentes concelhos, seguindo-se uma sessão solene no salão do tribunal. Discursaram a sr.ª D. Carlota Cirne, presidente das legionarias, e os srs. Antero Silva, dr. Afonso Pinho, e dr. A. Quintela professor do Liceu de Bragança.

A' noite houve baile que decorreu muito animado.

Os legionarios desta vila vestiram hoje quatrocentas e vinte crianças pobres.

Manufactura Portuguesa de Vidros, Limitada

Por escritura de 28 de Abril corrente, outorgada perante o notario Tavares de Carvalho, desta comarca, foi constituida entre Pedro Bordalo Pinheiro e Joaquim Filipe Côrte Real uma sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

1.º—Esta sociedade adopta a denominação de Manufactura Portuguesa de Vidros, Limitada, fica com a sua sede nesta cidade de Lisboa e o seu domicilio na Rua Marquês de Fronteira, 54, oficina n.º 12, e durará por tempo indeterminado, contando se o seu começo de 1 do corrente mês de Abril. 2.º—O seu objecto é a industria de vidros, como ampolas, tubos e seus derivados. 3.º—O seu capital é a quantia de 20.000$, em dinheiro ja integralmente realizado e dividido em duas cotas, uma de 15.000$, pertencente ao sócio Pedro Bordalo Pinheiro e a outra, de 5.000$, pertencente ao sócio Joaquim Filipe Côrte Real. 4.º—A cessão de cota de qualquer dos sócios fica dependente do consentimento do outro sócio. 5.º—A administração da sociedade e a sua representação em juizo e fora dêle, activa e passivamente, serão exercidas por qualquer dos dois sócios ambos os quais ficam nomeados gerentes, sem retribuição nem caução, bastando, portanto, a assinatura de qualquer dêles para obrigar a sociedade. § único—Em caso algum a sociedade será obrigada em fianças, abonações, letras de favor e mais actos e documentos estranhos aos negócios sociais. 6.º—Anualmente, com referência a 31 de Dezembro, será dado balanço, e os lucros liquidos que se apurarem, e deduzida a percentagem legal de 5 por cento para formação e reintegração do fundo de reserva, serão divididos pelos sócios na proporção das suas cotas. 7.º—Dissolvida a sociedade, á respectiva liquidação e partilha se procederá como se deliberar e fôr de direito. 8.º—Em tudo o mais regularão as disposições da lei de 11 de Abril de 1901 e mais legislação aplicavel. Lisboa, 29 de Abril de 1938. —O Ajudante do notário, *Teodoro da Cunha.*

A suspensão de pagamentos

da divida externa brasileira

«Sr. director:—Há factos que se passam na nossa vida e na do país que não se coadunam nem com o patriotismo nem com a nossa maneira de ser, ciosos como somos da nossa independencia de caracter.

O Brasil, essa nação riquissima, cuja economia não tem igual debaixo de muitos pontos de vista, suspendeu o pagamento dos juros da sua divida externa, há quasi um ano. Uma grande parte dessa divida, (quarenta e dois milhões de libras) está na posse de portugueses. Esta importancia, que é pequena para a Inglaterra e para a America do Norte por exemplo, é muito grande para Portugal, pois representa a capitação de seis libras por habitante, a quem se retirou a capacidade de compra de 230 mil contos por ano, que fazem uma falta enorme ao nosso comercio e que vieram aumentar a crise. A razão forte da suspensão é dada pelo facto de não terem cambiais, o que no entano não podemos acreditar seja total; e ainda algures vimos a noticia de que a nação irmã ia encomendar 30 navios de guerra, noticia cuja confirmação não veio. Mas no entanto nós não nos mostramos nada melindrados ou deprimidos, nem se ouve na Imprensa qualquer voz de imprecação, senão muito tenue. Pelo contrário, lisongeando os nossos irmãos de Além-Atlantico, continuamos a tocar sambas nas Emissoras todas as noites. De v., etc. — *Leitor assiduo*».

BRINDES E CALENDARIOS

Da empresa Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas recebemos quatro calendarios-réclamos para o novo ano, que agradecemos.

Tapetes Portuguêses

Ninguem compre sem visitar a interessante exposição da *Casa de Artigos Regionais* — Arte e Ménage — Alecrim, 71. 1.º — Telefone 20711

TAMARIZ

ESTORIL

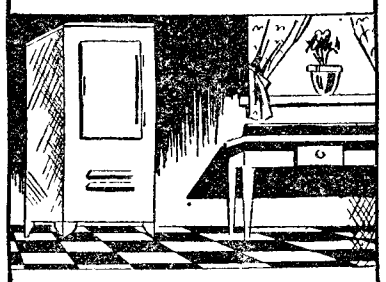
Mariscos, Aperitivos, Refrescos e Chás

Aprazivel recinto com divertimentos para creanças

Como dar aos produtos

MAIOR

VALIA



É conveniente dar aos produtos uma aparência distinta. Du Pont Spray Duco consegue êste objectivo eficazmente.

Use-o em mobílias, geleiras e noutros artigos que estão expostos ao uso e ao tempo.

Spray Duco conserva os automóveis reluzentes e lustrosos ao fim de muitos anos de uso. É igualmente eficaz em muitos outros produtos que aumentam de valor e se vendem mais fácilmente por serem «alindados».

Não lhe custa mais caro usar Spray Duco que outras tintas de inferior qualidade. Os fabricantes que já o experimentaram sabem quanto o seu uso é lucrativo.

DU PONT

REG. U.S. PAT. OFF.

BETHENCOURT BROS, LTD.

Rua Aurea, 132-138—LISBOA

SORIA, LTD.

Rua Sá da Bandeira, 214-216

PORTO

HAVAS

BEBAM

Vinho Aguieira

(CONDE DE AGUEDA)

CAMINHOS DE FERRO

A linha do Vale do Sabor

Referi-me aqui ha tempos á linha ferrea do Vale do Sabor, quando da abertura á exploração do troço Mogadoura-Duas Igrejas, de 32 quilometros o que elevou a 106 quilometros a extensão total da linha, Pocinho-Duas Igrejas. E agora que venho de visitar a região, seja-me permitido fazer mais algumas considerações sobre tão magno assunto para a região mirandesa.

Esta linha, começada a construir em 1904, com a grande ponte sobre o Douro no Pocinho, foi aberta á exploração até ao quilometro 34, Carviçais; em 1911, depois até ao 50, Lagoaça, em 1927; a seguir até ao 73, Mogadouro, em 1931; e finalmente 8 anos depois, até ás Duas Igrejas, quilometro 106. Como «record» de lentidão não ha melhor.

Mas se os mirandeses esperaram pacientemente pelo seu caminho de ferro 34 anos, não estão agora contentes, conforme tive ocasião de observar. Querem que a linha se aproxime de Miranda, pelo menos até ao patamar onde se separa a estrada de Bragança da de Mogadouro, ou seja a três quilometros da cidade. Nada mais justo, tanto mais que o planalto mirandês permite uma construção muito economica, como já aconteceu nos troços anteriores, cujo custo oscilou entre 130 e 190 contos por quilometro, o que se deve á planura do terreno, pois além de Moncorvo a linha não tem obras de arte, aterros ou trincheiras. N'uma palavra, o terreno atravessado é liso como a palma da mão. E na ultima parte da linha, (Sandim-Duas Igrejas), agora em exploração, ha uma recta de cêrca de sete quilometros, o que não é vulgar nos nossos caminhos de ferro. Pois, para além de Miranda, o planalto estende-se quasi até ao Vimioso, o que deve tornar a construção tambem pouco dispendiosa.

A linha, para bem servir o rico planalto mirandês, e depois de se aproximar de Miranda, devia inflectir para oeste, passando proximo da freguesia de Malhadas e depois em Caçarelhos, de onde descendo para Vimioso, podia servir as pedreiras de Santo Adrião, pelo ramal da estrada que já possui e que vem entroncar com a estrada n.º 24, Miranda-Bragança, ou, se a exploração dos jazigos de marmore o exigisse, facil seria construir um funicular, pois levar a linha lá abaixo não me parece facil, não só pelo custo da construção, mas pela exploração que seria dispendiosissima.

Isto sob o ponto de vista da exploração industrial, porque levar lá forasteiros, nem é bom pensar nisso. As grutas não têm o menor interesse turistico, e aquilo que poderia causar admiração aos viajantes, as formações calcareas pendentes do tecto, estão todas partidas, e em tais condições, é uma decepção para quem as visita. E' possivel porém que outras galerias sejam descobertas. Estão mesmo, ao que me informaram, a fazer-se pesquisas nesse sentido.

Todavia a exploração das pedreiras já se está a fazer com intensidade, não só na exportação em bruto, mas tambem em marmores serrados, lindissimos, alguns dos quais a Junta Autonoma de Estradas está utilizando, com grande sucesso, em placas indicadoras das estradas, nos entroncamentos en a entrada das povoações.

Mas um inconveniente salta á vista. Como explorar em condições economicas uma linha isolada, hoje de 106 quilometros e de futuro com 133 ou 135, quando chegar ao Vimioso, a servir um trafego pobre?

E' preciso, antes de mais nada, pensar em lhe dar continuidade com outras linhas da mesma largura de via, para que não aconteça como hoje, que a despeito do regime severamente economico com que a Companhia Nacional a explora, ainda as receitas não cobrem as despesas.

E vamos lá que os resultados da exploração são animadores: pois em vez da quebra de trafego de outras linhas, o do Vale do Sabor tem subido, passando o numero de bilhetes vendidos de 35.958 em 1935 para 36.129 em 1936 e para 38.443 em 1937; e se o peso das mercadorias transportadas caiu de 21.830 toneladas em 1935 para 19.973 em 1936, já em 1937 se elevou a 21.876.

E já agora devo dizer que na linha do Vale do Corgo tambem o trafego tem animado, pois tendo descido o numero de passageiros de 147.637 em 1935, para 146.194 em 1936, subiu em 1937 para 156.956.

E a prova disso é que os comboios rapidos da linha do Corgo, que a partir de 1 de novembro deviam circular apenas três vezes por semana, continuam a fazer-se diariamente, o que prova que o movimento de passageiros tem sido animador e que a Companhia Nacional não olha a sacrificios para o desenvolver.

No tempo do Estado a linha do Corgo tinha apenas dois comboios e agora tem três durante todo o ano, um deles com ligação para a Barca de Alva e que existia outrora durante três curtos meses no verão.

E' natural agora, com a abertura da linha do Sabor até ás Duas Igrejas que o trafego aumente, tanto em passageiros como em mercadorias.

Como ligar porém a linha do Vale do Sabor á rede trasmontana de via reduzida para melhor aproveitamento de material e pessoal e realizar uma exploração economica, assim como reparação de material pela utilização duma oficina comum? Construir a linha classificada de Macedo de Cavaleiros ao Mogadouro? Não me parece que a solução seja aconselhavel, não só por deixar isolado o terminus daquela linha em Vimioso, mas porque a construção deste ramal deve ser carissima, pelo grande desnivelamento que ocasionariam a descida e a subida do Sabor e ainda porque é pobre a região atravessada.

A solução que me parece mais logica seria a que já aqui apresentei, o prolongamento da linha do Vimioso á do Tua, com o entroncamento em Salselas, passando por Izeda, uma das terras mais ricas do distrito de Bragança.

Seriam uns 40 quilometros a construir de Vimioso a Salselas, com três pontes, é certo, mas cujo encargo seria certamente inferior ao da transversal Mogadouro-Macedo, e ainda porque este traçado teria 50 quilometros, mais, portanto do que aquele.

Prolongada a linha do Sabor até á do Tua, podia ela ser dividida em duas, uma de Pocinho a Miranda do Douro, 113 quilometros, e de Miranda a Salselas, 65 quilometros, sendo este o primeiro troço da transversal trasmontana Miranda do Douro a Leixões, por Mirandela, Valpaços, Pedras Salgadas, Arco de Baulhe, Fafe, etc.

Esta grande transversal teria a vantagem de ligar entre si as linhas de Fafe, de Amarante, Vale do Corgo, Tua e Vale do Sabor, mercê da qual se poderia chegar a uma exploração racional e para o que haveria apenas a construir os troços de Fafe ás Salgadas, por Cabeceiras de Basto e Arco de Baulhe e das Pedras a Mirandela, por Valpaços. Despesa de pouca monta para o Estado, comparada com o que se tem gasto e com razão, na rede das estradas.

Não se trata de pôr em execução o plano ferroviario de 1929, que, devido ao desenvolvimento do automobilismo, carece ser revisto, mas apenas tornar economica e racional a exploração da rede ferrovriaria de via reduzida do norte do Douro, assim como do Sul, pois uma vez concluida a linha da Regua a Viseu, teriamos ligado todas as linhas de bitola estreita do país.

GUERRA MAIO

Emissora Nacional

Jogos florais infantis

Os Jogos Florais promovidos pela Emissora Nacional no desenvolvimento do seu programa de expansão da cultura, foram coroados por exito completo. Concorreram muitas dezenas de crianças de todos os pontos do territorio português e os trabalhos apresentados demonstram bem o interesse educativo e a utilidade do certame como elemento proprio á revelação de qualidades de imaginação e de gosto literario das crianças portuguesas.

Hoje, ás 19 e 40, realiza-se no Estudio grande daquela estação oficial de Radiodifusão a cerimonia da distribuição de premios aos concorrentes classificados. Durante a sessão tocará a Orquestra Tipica de Portugal, e a actriz D. Aura Abranches recitará poesias escolhidas. Um pequeno leitor de doze anos, que possue qualidades excepcionais de dicção, fará a leitura das produções premiadas. Os concorrentes e suas familias podem assistir a esta festa, que constitue o fecho de mais uma feliz iniciativa da Emissora Nacional.

A evolução da musica de piano

Prosseguindo na realização dos concertos consagrados á «Evolução da Musica de Piano», e a seguir ao brilhante recital do eminente prof. Viana da Mota, realiza-se hoje, nos estudios da Emissora Nacional, a partir das 21 e 10, a terceira audição desta serie. O programa do recital, executado pelo ilustre professor Luiz Costa, consta da Sonata em ré, de Schubert de Brahms, da mazurka (op. 50) e da Balada (Op. 52), de Chopin. As notas explicativas que precedem cada trecho são do mestre Viana da Mota.

Publicações

«Anuario Radiofonico Portugês»

Está publicado mais um volume do «Anuario Radiofónico Português», interessante edição de «Radio Semanal», suplemento do nosso presado colega «O Jornal do Comercio e das Colonias». Trata-se dum excelente trabalho, indispensavel na mesa de todos os radiófilos, organizado pelo nosso brilhante camarada Alvaro de Andrade, chefe da redacção de «Radio Semanal», com a colaboração de Constantino de Figueiredo e Alvaro de Salema, de Ribeiro de Sousa («Sidonio Miguel») na parte musical, e de Manuel Antunes na parte de radio-tecnica.

Neste novo volume, procurou-se dar-lhe outra orientação, mostrando ao leitor, em linhas gerais, o que vai por esse mundo em materia radiofónica. Dedicou-se um maior estudo ás estações emissoras da Europa, fazendo-se a sua historia em resumo, mas explica-se tambem o que tem sido o desenvolvimento da radiofonia nas Americas. Um dos aspectos mais interessantes da sua remodelação, foi o que se refere ás secções musical e tecnica—entregues a duas competencias.—Outra parte que merece destaque é a biografia das pessoas que trabalham cotidianamente aos microfones das emissoras, fazendo parte dos programas, ou sendo compositor, autor dramatico, musico de nomeada, jornalista ou tecnico.

«Indice Economico de Angola»

Elaborado, editado e impresso em Luanda apareceu o primeiro volume do «Indice Economico de Angola». Consta dalgumas centenas de paginas dando conta de toda a actividade industrial e comercial daquela provincia e é precedido duma reportagem grafica da visita presidencial e da Exposição-Feira então ali inaugurada. «Indice Economico de Angola» constitue uma notavel afirmação das possibilidades industriais, comerciais e graficas da primeira provincia ultramarina do Imperio.

Coincidencia de nomes

O sr. Manuel Coelho da Silva, funcionario da Exploração do Porto de Lisboa, nada tem que ver com um individuo que tem nome identico e que agrediu á facada o sr. José Dias da Silva, caso a que ontem nos referimos.

O «Diario de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.

CARPETES DE CAIRO

(ESTRANGEIRAS)

1,60 X 1,20..	106$00	3,00 X 2,00..	330$00
2,00 X 1,40..	154$00	3,00 X 2,50..	412$50
2,30 X 1,80..	228$00	3,50 X 2,50..	481$50
2,50 X 2,00..	275$00	3.00 X 4,00..	660$00
		4'00 X 4,00..	880$00

Carpetes de Cairo (nacionais) fazem-se de qualquer medida

Esteiras nacionais de todos os tamanhos e côres

Grandes Armazens das Ilhas 120, Rua de S. Bento, 130

Vinhos — Aviso

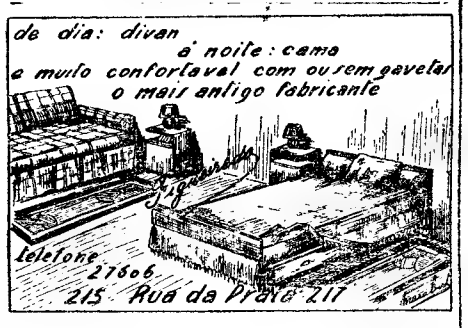
Comunica-se a V. S.as, que se encontra aberta a inscrição até sabado 31 ás 20 horas, para os CURSOS SEMANAIS sôbre aprendizagem de analises e tratamento de vinhos, a recomeçar no dia 2 de Janeiro do proximo ano. Venda de todo o material de analises da CASA SALLERON, e VINO-VITO.

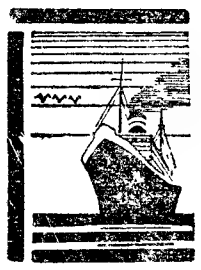
Ebuliometros, acidimetros de 1, 2, 4 e 6 ensaios etc. Dirigir ao ESTABELECIMENTO VINO-VITO, R. Caes de Santarem n.º 10 (ao Caes da Areia) Lisboa. Telefone 27130.

Casa no Parque Estoril

A 300 metros da estação caminho ferro, aluga-se ao ano, ou pela época. Mobilada, tem chauffage, garage, canalização de agua quente independente com 3 casas de banho.

Informa o chefe da estação ou Lino banheiro.





COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

CARREIRA RAPIDA DA COSTA OCIDENTAL E ORIENTAL

PAQUETE

Mouzinho

sairá no proximo dia 14 de Janeiro, pelas 12 horas, recebendo carga e passageiros para

Funchal, S. Tomé, Pointe Noire, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Mossamedes, Cape Town, Lourenço Marques, Moçambique, Beira e para os demais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeitoa baldeação.

AVISO AOS SRS. CARREGADORES: - Este vapor recebe carga até as 20 horas do dia 10 e desta data até as 20 horas do dia 13, com o aumento de 20 % e sujeitas as ordens de embarque ao visto do Conselho de Tarifas.

Para tratar

LISBOA — Rua do Instituto Vergilio Machado, 14

Telefone 2 0052

PORTO — Rua do Infante D. Henrique, n.º 9

Telefone 2342

AS MELHORES GABARDINES INGLESAS

Smarton — Impregnable

Preços sem confronto

CAMISARIA TORRE EIFFEL

Rua do Carmo, 100

GABARDINES!!!

GABARDINES!!!

por conta do fabricante

desde 290$00!!!

Não comprem sem ver os preços da

Casa GODEFROY

Rua Garrett, 80-86

mais de 5.000 gabardines vendidas aos preços do fabricante.

Só até ao fim do ano!

Compre nesta casa a camisa **«LIMPOPE»** colarinho indeformavel

A unica camisa cujo colarinho se conserva **eternamente sem rugas.**

LIMPOPE

EXCLUSIVO DESTA CASA

«COLOQUIO INTIMO»

O FITA AZUL: — Sou um Espumante Natural preparado meticulosamente com vinhos escolhidos na região de Lamego; Você já me conhece?

A QUALIDADE: — Pudéra, como não hei-de conhecer se estou integrada em si...

ORATOL

E' o grande remedio contra as doenças da bôca.

Leiam hoje o jornal humoristico SEMPRE FIXE.

CASINO ESTORIL

Aos sabados. Jantar a Americana
Preço: Esc 20$00
Nos restantes dias. Jantar dançante
Preço: 12$50

Bilhetes especiais:

Todos os dias, excepto sabados e domingos **Comboio,** (ida e volta) e **Jantar ou Ceia, Esc. 16$,** incluindo taxas, serviço, entrada de Estação ao Casino e entrada. **TODOS OS DIAS: comboio,** 2.ª cl. ida e volta **autocarro** da Estação do Casino **entrada** e um **vale** de Esc. $50 para consumo no Restaurante e Bars do Casino **Esc. 12$50.**

A' venda nas bilheteiras do Cais do Sodré

Aos sabados: Concerto às 16 e 30 horas pelo **QUINTETO PAULO MANSO.**

Todos os dias; de tarde chá dansante, excepto sabados e á noite baile e cinema **Orquestra Portugal.**

NÃO CONFUNDIR

A UNICA BOQUILHA EFICAZ!

Repr. Victor Chaskelmann & C.ª
Rua da Palma 268—Lisboa

Aquecimento Central

Salamandras

Instalações para agua quente e fria, artigos sanitarios. Electricidade, candeeiros e T.S.F.

Empresa Electrica, Ld.ª

Rua da Prata, 122

ESTORIL: Grande Parque — Telefones 2 7559 e Estoril 90

Orçamentos gratis

PARREIRA

ESPECIALIZADA

R. Augusta, 275, 4.º Telef 2 9607

Partos, tratamentos. Consultas gratis

BASILISA PEDROSA

Diario de Lisbôa
Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA - Telefone 20271

Do «Diario de José Maria»

Dialogo com o Malaquias

pelo dr. Ramada Curto

Malaquias Raposo, jovial, gracejador, fabricante de *boutades* engenhosas, Casanova de palcos, Faublas do Conde de Redondo, D. João de Casinos de praia, desde que enviuvou, está diferente, mais velho, um pouco melancolico e vê-se-lhe o cabelo, nas fontes, todo branco.

Eu sempre tive *um fraco* por este grande diabo do Malaquias. Não o tomava a sério a mais das vezes. O seu amoralismo massava-me ou, por outra, o que me massava era mais a sua exibição insincera, as *blagues* grosseiras com que ele o manifestava. E' certo que me fazia rir, por vezes, mas a minha reacção a essas coisas é sempre inevitavel.

Não me arvorei nunca em Catão. Tenho vivido, conheço o mundo, vejo-o cada vez mais feio á minha volta, mas reajo. Reajo porque tomo a vida a sério, porque tenho a opinião de que ela se deve viver quando não seja com heroismo, com grandeza, com gloria, ao menos que o seja com decencia, como uma coisa grave. Mas, enfim, cada qual tem o seu feitio. Eu sou o José Maria, professor de ensino secundario, floricultor, por paixão, melomano nas horas vagas, pobre bicho humilde metido na sua casca, que nunca soube constituir familia, nunca soube ser util. E Malaquias tem vivido, tem roçado, pelo menos, a popularidade, é um homem conhecido e que não sendo rico, vive bem. Não admira que seja diferente de mim e que as nossas personalidades se choquem, em muitos pontos. Um dia, lembro-me que o descompuz, quando ele me confessou, debaixo do cedro da praça do Rio de Janeiro, que a sua preocupação, o seu oficio por assim dizer, era «desmontar o maquinismo psicologico da Eva contemporanea». Esta frase ridicula e pretenciosa, significava que que a obcessão dêste animal era a satisfação dos sentidos, numa enfiada de aventuras galantes, sucessivas ou simultaneas. E quando ele acrescentou que «andava com a medula arrazada» mas «rico de experiencia psicologica e da outra» eu capitulei-o severamente de «porcalhão». Assim mesmo; «porcalhão»—sem rodeios. Eu sinto assim. Se eu fôsse a estatua do Comendador, antes de chamar ao Tenorio «assassino e bandido», creio que lhe teria dito, com as minhas barbas pretas eriçadas:—«antes de mais o senhor para mim é um «porco». São maneiras de vêr. E' uma interpretação do «burlador de Sevilha» que nem o Byron, nem o Goethe, nem o Zorrillo deram a D. Juan de Maraña. Mas dou-a eu, que não sou um grande escritor e que tenho na vizinhança a reputação de misogino edeavarento — o que na rua da Palmeira se traduz por «maduro», «fona» e «bicho de mato».

A's vezes tenho pena. Dá-me vontade de chamar os vizinhos e de lhes dizer e provar que não sou assim. Mas adiante.

Malaquias hoje veio visitar-me. Eu fiquei-lhe agradecido e enterneceu-me essa atenção, as saudades que ele dizia ter de mim. Este rapaz tem muito bom fundo, é um estouvado, mas é inteligente. Breve—eu sou amigo do Malaquias. Conversamos muito. Eu falei-lhe da D. Margarida — a santa senhora que lhe morreu tão nova e que—estranha contradição — ele adorava e encheu toda a sua vida de desgostos. E como o visse sinceramente triste, com os olhos cheios de lagrimas, recordando a esposa, contando-me os detalhes da sua longa doença e o muito que ele sofrera, eu disse-lhe para cortar a conversa:

—Bom. Não falemos nisso. Tens tido, coitado, a tua cruz, como todos. Mas, enfim, é preciso viver, meu velho.

E foi então, que a voz de Malaquias, que me falava de pé, com as costas voltadas para a janela, a figura e a face mergulhadas na cinza da tarde de inverno que descia, foi então que a sua voz, grave, cansada, triste, me disse o que eu vou procurar guardar nas paginas dêste Diario:

—Tu não calculas, José Maria, o que eu sofro, com saudades do meu sofrimento!...

—?

—Sim. Quero-a presente sempre á minha dôr! Porque, com ela, eu tenho o coração cheio dalguma coisa. De auguma coisa de horrivel, de torturante, de desgarrador, mas que era alto, que era grande. Não sei quem foi, um grande escritor, um grande filosofo, sem duvida uma grande alma, que disse aproximadamente isto, com palavras que eu não sei reproduzir. A ideia era esta: nós cansamo-nos de tudo menos de amar.

E é verdade. O coração do homem precisa de estar cheio, mesmo que seja de um horroroso sofrimento. O que é insuportavel, meu velho, é a vida que eu hoje levo.

Acendeu um cigarro ,nervoso e continuou:

—Lembras-te daquela manhã em que, debaixo do cedro da praça do Rio de Janeiro, tu me insultás-te quasi, porque eu te disse umas *boutades* cinicas sôbre a mulher e o amor? Pois bem, José Maria: eu persisto, eu procuro, eu busco ansiosamente gostar de alguem, dar-me a alguem—e não sou capaz, não consigo, não encontro! Eu não te conto, para te não ferir, o que tem sido, o que é, a minha vida nêsse capitulo. Se ta dissesse—tu não acreditavas. Sabes, eu chego a acreditar que é o Diabo, sim, o Diabo, o autentico, o Tentador, com chifres e asas de morcêgo—que anda á minha volta em espiraes de ave de rapina, envolvendo-me, rodeiando-me, tentando-me para me perder, para se rir de mim! Eu procuro nem sei o quê—e encontro cinza. Tenho o sabôr na bôca antecipado da cinza que vou encontrar—antes de comer o fruto. E, desta idade, o apetite mau recrudesce com a seiva, a força da juventude—mas sem a sua capacidade de ilusão.

E o meu coração continua vazio, gelado, deserto... E' medonho!

Eu não sou cruel. Mas esta confissão em que se invocava o Diabo e a Tentação, feita por um sujeito quasi da minha idade, vestido dum completo cinzento de bom corte e penteado com uma risca ao lado, deu-me uma irresistivel vontade de rir.

Malaquias baixou os olhos, vexado.

—Tu ris-te! E' natural que te rias. Devo parecer-te ridiculo—quando sou simplesmente verdadeiro. Ninguem, ninguem consegue compreender o seu semelhante. Só tomamos a serio o que sentimos, o que se passa connosco.

—Pudéra!—tornei eu.—Quando nos vêm dizer disparates—a gente recusa-se ou não consegues tomá-los a serio. Quem te manda a ti, se certos actos te desgostam, se certas experiencias te desiludem, insistir nelas? Ninguem te impõe o oficio de amoroso profissional, creio eu?

—Está claro, está claro!—aquiesceu Malaquias, comprometido com a minha reprimenda.

E segurando o cigarro, numa voz baixa, como uma confissão murmurada, só me disse isto:

—Palavra de honra, José Maria, palavra—que não me importava nada de morrer... A morte não desilude ninguem...

E percebendo que eu o fixava, levantou a cabeça, simulou um sorriso e acrescentou:

—Funerea Beatriz de mão gelada!

Mas unica Beatriz consoladora!

E' como diz o Antero, não é? Adeus, José Maria, desculpa estas coisas. Tu já sabes, que eu sempre fui meio maluco...

Foi-se embora. Fiquei só e impressionado.

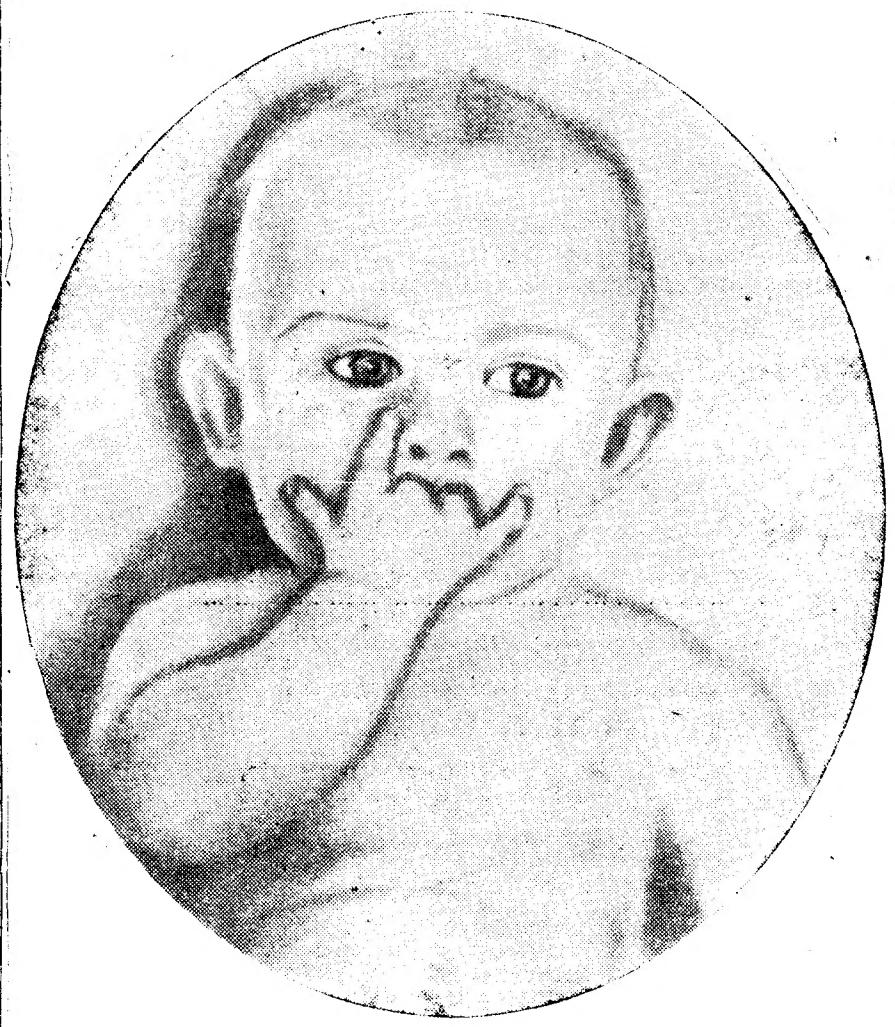
A-final o que será este Malaquias? Um postiço, um fruste, um vicioso banal com resaibos literarios Mas lá porque é diferente de mim ele será qualquer destas coisas inferiorisantes ou será simplesmente um homem com o seu problema de homem e que eu não consigo entender? Ele pareceu-me sincero quando me disse:

—Palavra, José Maria, eu não me importava de...

Ora, historias! Pode lá ser assim! Malaquias é simplesmente um desavergonhado com letras... E eu a perder o tempo com ele e as suas historias, quando tenho esta tarde tantos exercicios dos meus discipulos para emendar!

RAMADA CURTO

Estudo de criança



Desenho da duquesa de Medina Sidonia, que publicou agora «Los novios del marino».

A PROPOSITO DUMA CRITICA

Bourbon e Menezes responde

«*Sr. dr. Joaquim Manso, prezado confrade:*—A sinfonia de abertura com que o sr. dr. João Gaspar Simões habitualmente inicia as suas paginas semanais no *Diario de Lisboa* consagrou-a ontem o conceituado critico á minha pessoa por causa da alusão que, sem vislumbre de desprimor, lhe fiz na crónica do «Diario de Noticias» de 30 do mês passado. Foi uma honra, que me surpreendeu tanto mais quanto é certo que o seu ilustre colaborador sem duvida no louvavel intuito de não malbaratar as elocubrações do seu ennegho, não costuma ocupar-se senão de grandes figuras literarias e que sómente provocaria em mim uma deleitação demorada se o sr. dr. Simões não tivesse deixado cair, propositadamente, na natural avidez com que o li uma amargosa gôta de injustica. Não quero referir-me ao pródigo e sarcastico desdem que, de ponta a ponta, repassa as suas reflexões a meu respeito. O critico tem muitos direitos entre os quais incluo, alegremente, o de ser sarcastico e desdenhoso. Nem eu teria nenhuma autoridade para lho impugnar—se fosse licito contesta-lo—visto que muitas vezes tenho usado dele como o próprio sr. dr. João Gaspar Simões bem o pode vir a verificar experimentalmente. O que eu denego ao critico do «Diario de Lisboa», como o denegaria a qualquer outro, é o de direito de ser injurioso. E denego-lhe não com indignação, pois as minhas cóleras estão a caminho de uma esclerose sem cura, mas com filosófica tristeza. Faz-me pena, mais por ele do que por mim, ver um homem com os seus merecimentos e as suas responsabilidades dar aso a que possam pedir-lhe, como se fôra uma fineza, o cuidado de ser decente.

O sr. dr. João Gaspar Simões arguime de levar a minha carência de imparcialidade ao ponto de fazer destingir sobre as ideias a antipatia que eu possa nutrir pelas pessoas. Ora, esta acusação, feita contra quem—e até num campo em que a acção do sr. dr. Simões nunca se fez sentir—tem defendido a primazia do espirito não significa apenas uma manifestação de presbitia intelectual porque representa, sobretudo e acima de tudo, uma ofensa de que o sr. dr. João Gaspar Simões se penitenciaria se fosse susceptivel de me conhecer e se a sua grandesa de alma corresse parelhas com a acuidade do seu talento discursivo. O que essa imputação fere é muito menos a minha inteligencia do que o meu caracter. Se o denegrir aquela cabe nas funções da critica menos-cabar este constitui incursão nuns dominios em que, só com transpô-los, o critico se demite.

Está claro que eu não deixo de ser quem sou pelo facto de um critico, ainda que muito interessante, se dar ares de querer açambarcar em proveito proprio a rectidão e a sinceridade no julgar. Mas custa-me surpreender em tão flagrante claudicação um homem de que nem sempre compartilho as predilecções e admirações literárias mas a cujas qualidades, algumas vezes, em conversa com amigos, tenho feito referencia absolutamente desinteressada.

«Verdade é—diz-nos a *Imitação de Cristo*—que cada um se governa de boa vontade pelo seu parecer, e se inclina mais aos que concordam com ele...».

Entre mim e o sr. dr. João Gaspar Simões existem divergencias incoercivelmente impostas pela indole do seu e do meu espirito. O sr. dr. Simões ha-de saber que não ha uma inteligencia geral, absoluta, omnimoda, mas diversas especies de inteligencia e que se a minha tem os seus limites a dele não pode desprender-se de certos *tics* especificos. Ele é, fundamentalmente, um analista do fenómeno literário—e um «raisoneur»: eu sou, substancialmente, um escritor emotivo e de imaginação. Mas esta diferença, e até oposição de compleição mental, se basta para explicar desencontros de gosto e discrepancias de opinião não chega—suponho eu—para que forçosamente nos detestemos e, muito menos, para justificar que o sr. dr. Simões venha gritar em letra redonda:

—O' mãi, ele embirra comigo!...

Não embirro tal. E mesmo que em-

(Vêr continuação na 4.ª pagina)

Uma nova poetisa do Brasil

Alguns poemas inéditos de Edyla Mangabeira, filha do grande estadista Octavio Mangabeira

O Brasil é uma terra de poetas. De poetas e de poetisas. Ainda há pouco o magnifico «magazine» «Vamos ler», no seu completo e lucido Panorama Literario, *nos dizia que existe ali* clima muito favoravel á Poesia. *Assim acontece, de facto, para honra dos nossos irmãos de além-mar. E eis uma prova mais dessa lisonjeira realidade: —os lindos poemas, que publicamos hoje, da jovem escritora Edyla Mangabeira—uma criança, quasi—filha do estadista eminente a quem Portugal tanto deve. Não são versos quaisquer, simples desabafos emocionais duma adolescencia impressionavel. Mas encantadoras obras-primas de sensibilidade, de ritmo, de graça, de colorido, de profunda e forte vida interior. Edyla Mangabeira pode já enfileirar ao lado das Gilka Machado, das Rosalina Coelho Lisboa, de todas as grandes poetisas do Brasil. O seu lirismo intenso e delicadamente feminino, mostra-nos bem que estamos em presença duma alma capaz dos mais altos e limpidos vôos da inspiração e duma arte subtil e singularmente impressionante. O nome de Edyla Mangabeira não mais o esquecerá, decerto, o publico português, e é com sincero desvanecimento que o apresentamos hoje, subscrevendo poesias tão belas e significativas, aos leitores do «Diario de Lisboa».*

Na festa de Nossa Senhora da Gloria do Outeiro

Nossa Senhora do Outeiro
que fica, lá da collina,
apontando o dia inteiro,
com uma graça de menina,
para o céo sereno e mudo:
eu fui ás festas, fiz tudo,
fiz promessa e fiz novena.
Nossa Senhora tem pena,
ouve esta prece, perdoa...
porque uma prece rimada
é mais leve, é mais alada,
é uma andorinha que vôa!

Capella branca, branquinha,
toda pintada de cal:
Há tanta gente mesquinha,
tanta inveja, tanto mal...
Nossa Senhora da Gloria
que conhece a minha historia
mais e melhor que ninguem:
orienta os meus desejos
e os meus afectos tambem;
dá mais calma aos meus anhelos
e uns pensamentos singelos
da côr dos teus azulejos.

Nossa Senhora do Outeiro
que fica lá da colina,
apontando o dia inteiro,
com uma graça de menina,
para a doçura secreta
de uma nuvem rosicler:
tem pena, Nossa Senhora,
que eu vou pela vida afora,
com os meus sonhos de poeta
nos meus olhos de mulher...

A jangada

Jangada ligeira
que leve deslisa
na crista altaneira
dos mares sem fim.
Ao sopro da brisa,
quem dera que eu fôsse
tão leve, tão dôce,
tão simples assim.

Dez palmos de vela
seis tocos de pau
e afronta a procela...
Não foge, se apruma
do mastro ao girau
e vence, e flutua,
tão fragil, tão nua,
tão branca de espuma!

A mim, não me espanta,
que tens a leveza
de um corpo de santa,
jangada a vogar...
Não causas surpreza:
que assim, sem receio,
Jesus tambem veio
pisando no mar!

Jangada cansada
que dorme na areia,
minh'alma era alada,
já fomos iguais.
Agora tão cheia,
tão cheia de maguas,
não boia nas aguas,
pesada de mais!

Baía de Todos os Santos

Quando elas surgiram no azul do horizonte,
As concavas velas da nau portuguesa,
A terra medrosa tremeu de surpreza
E lepida e leve galgou pelo monte.
Os tempos passaram, mas ela inda espia
O rastro das quilhas que avista passar
—Baia de Todos os Santos—Baia
Que beija as estrelas, que poisa no mar!

Baia morena, cheirando a pitanga,
Com um gosto de fruta, com um geito de flôr,
Coberta de enfeites de conta e missanga,
Tão cheia de graça, de luz e de côr:
Eu tenho nest'alma que nunca descança
Um par de sandalias que pisa e que dança!
... ...
Estou na Baia—que lindo que está!
Ah, deixem que eu fique, por horas inteiras,
A' sombra das verdes, frondosas mangueiras,
Que sombra mais bela no mundo não há!

A um poeta

Leva em tudo o teu sonho, como um santo,
Leva um halo de luz sôbre a cabeça.
Vê que nada te humilhe ou te envaideça
E, ao cantar teus cantares, que o teu canto
Tenha a graça espontanea de um gorgeio
Irrompendo das grades do teu seio.
Sofre, geme, soluça e grita e ri,
Ouve o marulho do universo em ti...
Encara o mundo com teus olhos puros
E aspira a tudo na tenaz subida:
Dos mais leves perfumes desta vida,
Ao sabor dos seus frutos mais maduros.

EDYLA MANGABEIRA

Uma grande companhia americana de carburantes, lançou agora no mercado, um pequeno, mas util invento, que se pode chamar tachymetro sonoro. Trata-se dum contador de velocidades, que avisa o motorista dos perigos crescentes que o ameaçam, desde que ele começa a carregar no acelerador. Uma voz misteriosa produzida por um disco, fala imediatamente assim que o carro atinge a marcha de 60 quilometros á hora. Previne o condutor de que tal velocidade pode ser utilizada na estrada, mas nunca numa cidade, ou numa vila. Aos 75 quilometros a voz amiga declara: «Dominas ainda o teu carro, mas atenção aos que se cruzam. A proposito: como funcionam os teus travnes?». Aos 100 quilometros, a voz torna-se imperiosa: Atenção, agora és o unico responsavel pelo que pode suceder».

Quando a velocidade é de 120-130 quilometros, a voz torna-se dolorosa, aflitiva. Diz, apenas: «Rogo a Deus pela tua alma».

Parece que este tragico alarme tem produzido optimos resultados.

■

Celebrou-se agora, nos Estados Unidos, o centenario do nascimento dum dos mais notaveis astronomos americanos: Sherburne W. Burnham, que nasceu em Vermont.

Estenografo de profissão, Sherburne começou a observar o ceu com umas lunetas da sua invenção. Depois especializou-se no estudo de estrelas duplas e multiplas, tendo entrado em 1877 no Observatorio de Deabern, e mais tarde, nos Observatorios do Monte Hamilton, na California, e Yerkes, e mChicago.

Era um apaixonado do mundo astronomico. Os seus estudos foram publicados em 1906 pelo Instituto Carneggie. A-pesar do tempo que lhe ocupava a mecanica celeste nunca abandonou o seu lugar de estenografo. Morreu em 1921. O seu nome pertence hoje á carta do ceu. Um pequeno planeta, que tem o numero 834, foi baptizado Burnhamia.

■

A obra «Brasil», de que são autores João de Barros, José Osorio de Oliveira e Gastão de Bettencourt, que depois do 6.º tomo sofreu uma paragem, vai continuar a aparecer regularmente até á sua conclusão. Trata-se da obra mais vasta e mais completa que no nosso país tem sido dedicada ao país irmão—verdadeiro documentario da psicologia, do territorio e da vida do Brasil. Numerosas ilustrações e uma apresentação grafica perfeita constituem o quadro adequado dos notaveis ensaios ou estudos que ao Brasil consagram os três homens de letras portugueses que mais se têm interessado por aquele grande país.

■

O Natal deu serios trabalhos ao correio inglês. Habitualmente o pessoal é de 77 mil factores. Desta vez foi preciso contratar 75 mil «extras» para assegurar o serviço. Durante a semana do Natal foram distribuidos 70 milhões de cartas e postais só na cidade de Londres, quando a média cotidiana é de 6.750.000. Na vespera de Natal trocaram-se 300.000 telegramas. A inovação este ano foi o enviar, para certos países, pela Picture Telegraph Service, o retrato com uma mensagem escrita em «fac-cimile».

Visão da Holanda

de Vitorino Nemesio

De Bruxelas, por Malines e Duffel, a Antuerpia. De Antuerpia á fronteira e, por Rozendal, Breda e Dordrecht, a Roterdão e a Haia. E' uma pequena penetração da Holanda, que faço de automovel, como quem inscreve as bôcas do Escalda, do Mosa e do Reno num pequeno arco de circulo. No fundo, não passo de duas provincias, o Brabante Setentrional e a Holanda do Sul; mas basta transpôr esta linha de nada a que se chama fronteira, para que os campos, o ar, os habitantes e a prevenção cultural de que vamos mudar de país colaborem no aparecimento de uma coisa nova, a Holanda.

O que é que dá de repente a essencia de um povo e a sua presença? A lingua? Mas, desde Bruxelas, onde a insistencia do francês não conseguiu abafar a velha fala local, desviada para as povoações da cintura da capital, que o flamengo nos prepara o ouvido para o holandês. Paralelamente á lingua, os caracteres raciais se vão acomodando a esse tipo claro e planturoso que povôa os Países Baixos, e que, antes de conhecermos em carne e ôsso, respirando e movendo-se, conhecemos das claridades leitosas e dos afogueados de Rubens.

E' o homem reforçado, de um loiro inexpressivo e bonacho, que, mesmo quando está em jejum, parece digerir. As mulheres, quando se não afuselam em exemplares de uma beleza angelica (ainda assim, só pelas formas são anjos; falta-lhes quasi sempre o halo poetico das inglesas ou o indeterminado, o luminoso das escandinavas), amadurecem em matronas maciças, de uma carnação brutal e serena.

Mas apesar dêste fundo comum á Flandres e á Neerlandia, não passamos os limites geograifcos da primeira para a segunda sem essa impressão indefinivel de que alguma coisa mudou: a terra é outra, a gente é outra—uma nova lei da vida de relação se impõe ao espirito.

Ha quem dê como razão fundamental do corte historico entre flamengos e holandeses a questão religiosa. A Reforma teria criado um fosso para sempre. Toda a Flandres ressôa ao toque dos seus sinos; os seus ceus pardacentos estão apontados de coruchéus. Mas, passada a zona das grandes catedrais e das igrejas ardentes, noite e dia da cera dos candelabros e das côres e formas das telas, abre-se a Holanda rasa, protestante de deus inscrito a preceitos nas paredes caiadas com a mesma cal do lar.

Terra de intimidade, de esfôrço humano heroico só até dar intimidade. Quere dizer que na Holanda nunca houve heroismo senão ao serviço da vida corrente: o armario, a cama e a touca.

Tudo isto está instalado numa paisagem pôdre de bonita, rasgada de canais metidos na ordem, plantada de tulipas e açucenas cortadas á escovinha, bordada de portos formidaveis, belga, por uma ponte colossal, um pecador, nos blocos das docas e nos barretinhos de setim dos judeus de Amsterdam.

Antes de Dordrecht (esquece-me o nome da terra) passo o grande canal em que se esvai o Mosa, o meu Mosa belga, por uma ponte colossal, um pessado aranhiço de cimento que leva 15 minutos a correr a oitenta á hora. Ou estou enganado e o canal do Mosa se passa com o carro no convés de um vapor e nós no carro—e, nêsse caso, a ponte está noutro sitio. Não tomei notas. Viagem com muitas notas é viagem feita de proposito para contar depois—e eu não fui á Holanda para o contar a ninguem: fui para mim e por mim. Se o conto agora é porque achei nas minhas recordações uma imagem dêsse país que o tempo e o meu ser naturalmente fabricaram.

A auto-estrada parece interminavel a este constante vu... vu... dos automoveis que vêm em sentido contrario ao nosso. Não cheira a gasolina, não ha pó nem curvas, não se ouve um cláxon. Como ténias, para lá dos dois bardos de arbustos que flanqueiam a estrada, só as bicicletas dão uma nota intima a este rolar civilizado, porque ás vezes viaja na mesma bicicleta uma familia em pêso: marido e mulher pedalando e um menino metido no cesto.

Para lá desta cobra de viaturas estende-se, aos dois lados, a campina holandesa. E' um verde gôrdo, igual, só com florinhas pelo meio, depois tapetes de tulipas aos quadrados—aqui côr de rosa, acolá magento, enfim, a manta das tulipas quasi negras, as raras. Mas eu já vim no fim da floração. Toneladas de bolbos, que é como quem diz toneladas desta beleza passaram de canal em canal aos cais de Rotterdam, caminho de outros portos da Europa e da America. Tudo isto que se vê, belo e direito, é dinheiro. Até as proprias cortinas e vidros lavados, as casinhas pintadas de côres alegres são dinheiro — porque o confôrto não é, para o holandês, senão uma forma de capital. Rende-lhe saude, que se converte em trabalho. O trabalho rende outra vez bolbos de tulipa; a planicie nacional enfeitada e Amsterdam e Rotterdam cheias de navios e joalheiros (nos museus os quadros: nos armarios o estanho) são uma bela maquina para fazer florins.

Ah! Mas é tão enfeitada esta Holanda, tão direitinha e bonita que apetece pedir a alguem que espalhe uma sebe de estrume numa estrada ou pônha uma lata velha no meio de um campo de tulipas, para variar, que diabo!

VITORINO NEMÉSIO

A' margem de velhos temas

de Carlos Parreira

Não foram as grandes figuras dramáticas imaginadas pelos poetas, por toda essa estirpe de estranhos «malditos», que, ao inventá-las, exalçaram assim a megalomania estéril do seu isolamento; não foram os arroubos idilicos de Julieta, a passionalidade expiatoria de Desdémona, e o incoercivel romantico do suicidio de Ofélia, subtilmente triste como uma tragedia de libélula entretecida a fios de lua num brocado antigo,—que criaram no mundo as «nuances» especificas de sentimentos, de que cada uma delas é a voz feiticeiramente persuasiva?

O homem por si só, o homem «natural», é uma maranha acerba de egoismos, empulsionados por uma matemática tenaz de ambiçõesinhas: a ambição esverdinhada de poder predominar tambem, dizendo:— Faça isto! Faça aquilo! Você não ouviu? á servilheta que se esfalfa no corre-corre da casa, como um desfôrço das salivações monitoriais do chefe e dos abespinhamentos do escritorio; a ambição merencória de vir a comprar a gravata duma côr de velho musgo, com que se incrustam para sempre no agrado das cozinheiras os dandis de arrabalde

E' um agregado picaro de cálculos e porfias, mal amanhado em alpaca e diagonal, e que dir-se-ia que mais nada ha-de interessar, de facto, que o átono fluir e refluir da sua cupidez.

Uma noite, no entanto, num acaso de teatro, ele vê avançar sobre o palco aquela figura quebradiça, atropelando gestos dum desespero incomportável dentro do ordenamento majestático das suas roupagens; aquela figura crispada pelos mil peguilhos aduncos da vida, e em que se consubstancia toda a dialética faiscante da Paixão e do Dever, da Ternura desinteressada e da Dedicação, exercida com um fervor mistico de oblata.

Então nesse composto opaco de birras e vulgaridades, que começou por aborrecer-se, sentado na sua cadeira, perplexo ante o estapafurdio do que estava a ouvir,—é como se perspectivas jamais sonhadas se rasgassem, fazendo-o entrever um mundo caprichoso de «outras coisas», que o laceram, co'a a breca! pelo imprevisto da sua novidade, mas que, findo o espectaculo, é positivo que o depõem no passeio, «já diferente».

O mundo, na verdade, é, apenas, a mistela asfixica de «casos concretos», em que o homem, foragido do seu papel teórico de rei da criação, vem a transformar-se num quidam lombricóide, com a tarantula do exacto, ou num despersonalizado louvaminheiro do util?

Não, não é, porque a tal se há-de opor sempre a imaginação doidejante dos poetas...

Ah, não existissem nos repertorios dos empresarios liricos as criações luarentas de Shakespeare, e o amor não seria mais do que esse arulho incontinente, que nas paginas de anuncios dos grandes matutinos faz que um mequetrefe de oficina, acobertado em Y ou em Z, afirme a uma velhaca sardenta que «há quatro noites que não dorme, porque nunca mais «ela» passou em tal lugar...», — afirmação esta avizinhando com um quadradinho a oferecer sucatas de ferro forjado a preços módicos, e mais outro, onde se recompensa quem entregar um «King Charles», que dá pelo nome de «Querubim».

Claro, que á Arte sempre coube, em todos os tempos, esta função de suscitadora magnifica de estados de alma.

E' ver o que se passa em qualquer praça tranquila de cidadezinha de provincia, onde haja um coreto e seja domingo.

Um meu amigo contava-me, que duma vez, numa terra de Espanha, uma dessas «tierrucas» castiças, que parece que estão ali, incrustadas na planicie, dormindo um sono de seculos, um desses recantos, mais cenario do que aglomerado vivo, construidos dir-se-ia pela Tradição, como um protesto dulcissimo do «antigo» contra os desvarios ácidos do Hoje fugidio,—um meu amigo contava-me que duma vez, numa terra de Espanha, ouvia num jardim bocados da «Tosca».

No banco ao lado três cari-franzidos, que abundantemente se boxavam de inconveniencias, entre um granizo furibundo de «pués»!, estacaram de subito, conturbados, á certa, por essas apóstrofes da desesperança, por essa maré-alta de melancolias calamitosas, que os metais repercutiam com a sua alagadora grandiloquencia.

E ele pode «ver» como nesses frenéticos, que os torcicolos do cavaco unhavam de azedume,—as rubricas soluçantes da partitura iam adoçando a dureza dos rostos.

Já não eram três discrepancias que arremetiam desorbitadas dos carreiros calmos da razão. Eram três beatitudes em jaleco e boina basca, empapadas de simpatia, a simpatia desagregada do grande nucleo sonoro a estilhaçar-se em queixas duma amargura poemática pelo espaço.

Quantos que saem duma visita contemplativa de museu estruturalmente melhorados!

Atrabiliários macabeus, que em casa levam tudo raso, entrecortam o ron-ron do gato a jactitarem intempestividades de tiranetes, estramalham no aquário, com os seus berros, os rubis sonambulos dos peixes, seccionando-os em migalhos desconexos, e esfuriam, enfim, os desapontamentos reconditos de «mesdames»,—atrabiliários macabeus, que uma vez viram a sorrir-lhes numa sala de exposições o sorriso duma côr de geranios brancos, de não sei que virgem á maneira de Memling,—constatam que desde esse momento passaram a olhar as coisas dum modo diverso, e na rua o que quereriam era beijar agradecidamente as mãos de tudo, «felizes por se sentirem bons»!

Um anódino empregadório conheci eu, intemerato cavaleiro andante de adições, supersticioso do papel pautado, que tendo lido Paulo e Virginia, numa edição ilustrada por um desenhista nostálgico de ceus exóticos,— para todo o sempre se deixou embruxar pela subtil «valeriana» poetica dessas paginas celebres.

Tomado do gostoso contagio, o abespinhamento das cifras, que dantes tanto o amofinavam, passou a deixá-lo calmo, porque o que se lhe desenhava «agora» na insulsez branca dos mapas, não eram os numeros alinhando a sua inutil pequice e a sua pantafaçuda arimética, mas o caule gracilimo do esbelto corpo loiro, toda a airosidade franzina da silfide casta da Ilha de França, boa e natural como a linfa das fontes, e cuja existencia teve o instantaneo precioso dum rosicler de ante-manhã.

No chouto bestiaga dos oficios a ofegarem o seu cansado formulario,—não mais encontrou o enjoativo olor a almaço, porque constantemente os seus olhos soletravam, para lá da crassa enfática dos parágrafos os diálogos de «Paulo» e do «Velho» sobre a imortalidade de tudo o que é puro e belo na terra...

Claro que «depois disso» lhe acabaram quaisquer possibilidades de acesso. Mas conseguiu isto: poder desdenhar do senso prático dos que dispunham dele.—

CARLOS PARREIRA

PREMIO GONCOURT

POURQUOI J'AI ECRIT «L'ARAIGNE»

«Un être qui s'habitue à tout, voilà, je pense, la meilleure définition qu'on puisse donner de l'homme», écrit Dostoïewsky dans «Souvenirs de la maison des morts». Et, de fait, il y a chez la plupart des hommes une faculté d'adaptation, d'acceptation qui étonne. On a l'impression qu'une anesthésie soigneuse les endort au centre du monde. Leurs sens paraissent émoussés. L'odorat, le toucher, le goût, la vue, l'ouïs même demeurent en veilleuse. Les besoins physiques, les défaillances de l'organisme, la laideur mesquine du milieu où ils végètent ne les blesse plus. Ils sont protegés contre tout ce que les pourraint les atteindre par un abrutissement fait d'habitudes, et de conventions sociales.Chez certains sujets, cependant, on constate un désarmement à peu près total vis à vis de l'univers. Une éducation en vase clos, certaines prédispositions physiques, les maintiennent dans un état vulnerable tout au long de leurs épreuves. Au coeur d'une humanité assoupie, ils sont seuls conscients, les chairs et l'esprit à vif. Ils éprouvent décuplées, centuplées, les cecousses dont leurs semblables perçoivent à peine le passage. Tout leur répugne. . Aimer, dormir, se nourrir chacun de ces termes suppose un cortège d'images ignobles qui leur soulève le couer. Ils sont dépassés pour la vie. Ils sont à côté de la vie. Gérard Fonsèque, le héros de «L'Araigne», est un de ces personnages, inachevés, écorchés et qui se révoltent. Il a été élevé entre une mère qui l'adorait et trois grandes soeurs charmantes dont les voix hautes, les rires, les longues chevelures ont enchanté son enfance. Il ne peut se soumettre à l'idée de leur départ, de leur alliance avec un inconnu, de l'existence en commun qu'elles mèneront dans un petit appartement entre le lit, la table de la salle à manger, le lavabo anonymen. Il s'opposera formellement à leur mariage; dans leur intérêt, songe-t-il; en fait, strictement dans le sien.

«Gardez-vous de faire comme l'araigne qui convertit toutes les bonnes viande en venin». Cette phrase de Marguerite de Navarre que j'ai inscrite en exergue à mon livre résume exactement l'activité de Gérard Fonsèque. Il empoisonne, à la ronde. Il gache, il brouillle, il compromet. Mais il finit par succomber à ses propres manoeuvres. Il n'était pas préparé pour les luttes animales. Il était vaincu d'avance en face de cette foule aux aveuglements salutaires, aux appetits normaux. Et sa mort même n'arrête rien, ne change rien dans le destin tranquille de son entourage.

HENRI TROYAT

TERMINUS

E julgava eu conhecer-te,
ó Tristeza!
Muitas noites supuz ver-te
na primeira estrela acesa
crepuscular
que me fazia sofrer
só por estar no ceu a arder
— e eu a sentir-me gelar...
E cuidava eu guardar-te
ó Tristeza verdadeira!
Possuir-te em qualquer parte,
ter-te de qualquer maneira:
no tanger de grave sino,
na febre de má doença,
no gemer dum pequenino
na miseria da descrença...
No coração e nos olhos;
por nada..., por tudo...
Cuidava descortinar-te
nas farrapagens de Entrudo
que me nauseiam;
nas minhas taras aos moihos;
nos sonhos que me encandeiam;
nas obras de Arte...
E, afinal, não era assim.
Isto não era a Tristeza!
Agora sim:
encontrei-A!
Aranha a fazer a teia
no meio peito encovadinho
— porque ficaste sem mim
e és doutro, no meu caminho.

RODRIGO DE MELLO

OS LIVROS DA SEMANA

DESENHOS ANIMADOS, REALIDADE IMAGINADA por ALMADA NEGREIROS

ALELUIA poemas de IVAN RIBEIRO

I—Da necessidade do snobismo

Há, pelo menos, duas maneiras distintas, de apreciar uma obra de arte. Artistas e criticos têm a sua; o publico tem a dele. Compreende-se o que isto quere dizer. A obra de arte, como todas as coisas, pode ser encarada por diferentes aspectos. O artista e o critico identificam-se na sua maneira particular de a encararem. Quer um quer outro vêem-na simultaneamente como *coisa* realizada e como *coisa* que alguem realizou. Nem um nem outro sabem abstrair desse esforço criador mercê do qual a obra saiu da mente de um homem. Vendo um quadro, logo lhes ocorre a mão que empunhou o pincel. Isto principalmente se de um pintor se tratar. Quanto mais perto a obra estiver do proprio genio do artista que a contempla mais *como obra que foi feita* ela será contemplada. Quere isto dizer que o artista ainda pode ser *publico* da obra de arte. O critico não. Digamos ântes: o *esteticista* não. E já agora aproveitemos a oportunidade para um esclarecimento. Quando um dia escrevemos que em Portugal tem havido criticos literarios, mas não—deixem-me empregar o termo pretencioso—filosofos da arte tinhamos em mente o *esteticista*. De facto, podem contar-se pelos dedos os homens que em Portúgal se têm ocupado dos problemas de estetica. A'queles que estudam o fenomeno arte em si mesmo é que se deve dar o nome de *esteticistas*. E' este *esteticista* que não pode ser *publico* da obra de arte. Perante ela—qualquer que seja: poema, drama, estatua, romance ou tela—o *esteticista* tem sempre uma atitude de *re-fazedor*. Está a ver a obra e a pensar na maneira como ela teria sido feita. Em todo o caso pondere-se: falo do esteticista puro. E' de toda a evidencia que não há *esteticistas puros*. Tudo o que *ha* é impuro. Cientificamente um *meio* puro é aquele onde não há vida.

Esta é a maneira como artistas e criticos vêem a obra de arte. Há agora a outra maneira: há a maneira do *publico*. Entendo por *publico* todo aquele individuo a quem a obra de arte aparece como *coisa* realizada e só como *coisa* realizada. E' publico todo aquele que não concebe a obra de arte *antes* da sua existencia concreta. Isto é: o verdadeiro publico é aquele a quem um drama *aparece* com o prestigio e a força convincente de tudo aquilo que surge feito—com o prestigio e a força convincente das coisas naturais. Quere dizer: o publico é, afinal, o melhor apreciador da obra de arte. E', pelo menos, o seu mais ingenuo apreciador. Na sua ingenuidade está a sua força. A sua força e a sua debilidade.

Sim: aceitar uma obra de arte como se aceita a propria natureza está bem em principio. Mas a obra de arte não é a natureza. A obra de arte não é criação de uma vontade cega e omnipotente. A obra de arte é criação do homem. Como criação do homem que é já não pode ser em absoluto *criação;* é antes *interpretação,* é antes—*re-criação*. Da natureza faz o artista o material da sua arte. A natureza é, em si mesma, muda, cega, inanique, é, entre ele e ela desenrola-se um obscuro mada. Quem lhe dá voz, quem lhe dá vista, quem lhe dá vida é o homem. Como? Emprestando-lhe a sua propria voz, a sua propria vista, a sua propria vida. Mas como o homem já é em si mesmo a natureza, criação dela que é, e entre ele e ela desenrola-se um obscuro e complexo idilio.

Trocam olhares, trocam palavras, descobrem-se um ao outro no que um e outro têm de mais secreto, de mais intimo, de mais misterioso. E então o fruto destes amores é quasi sempre qualquer coisa tão subtilmente natural que pode parecer artificial. As inteligencias simples, as almas ingenuas, os espiritos rudes ficam-lhe muitas vezes insensiveis. Julgam-no capricho monstruoso do homem, ás vezes repelem-no com terror, outras com sarcasmo. Têm-no por artificio do diabo.

E' assim que o publico *publico* reage perante as obras de arte a que não está afeito. Foi assim que o publico reagiu perante as primeiras operas de Wagner; assim reagiu perante a pintura de Cézanne; assim vai reagindo perante todas aquelas obras em que se traduzem mais novas e mais profundas interpretações da natureza.

Mas este é o publico *publico*. Na categoria publico ainda há uma gradação. Há-a, pelo menos, nos países cultos. Refiro-me ao publico constituido por individuos de certa cultura. Essa interpretação ou re-criação da natureza pelo homem, isso a que se chama arte, atingiu em nossos dias um refinamento intelectual que se não compadece com a admiração de mentes em estado bruto. A arte dos grandes artistas requere do publico uma colaboração inteligente. Isto é: o publico que convém aos mais altos artistas não é aquele que nós conhecemos postado perante as obras de arte, como perante criações da natureza. Não. O publico que lhe convém é outro. E' aquele capaz de apreciar uma obra de arte convicto de estar perante *uma obra de arte*. O verdadeiro publico tem de ter alguma coisa de *snobe;* tem de aparentar uma compreensão de *entendido* (de critico ou de esteticista). De *snobe,* disse bem. Não se trata de um equivoco. O melhor publico da arte foi sempre esse. *Aparentar* ter da arte uma compreensão propria de artista, sem veleidades de criador—eis o timbre do autentico publico. Respeitar a obra de arte como se se tivesse a experiencia pungente do artista que a criou no desespero e na dôr—eis em que primavam os mecenas do Renascimento. Aqueles principes a quem os Wagner, os Beethoven e os Mozart deveram altas protecções tinham da arte a mesma aparente compreensão. Todos eram snobes. Todos sabiam pôr esse excelente snobismo ao serviço da mesma causa: o culto da obra de arte.

Há paises em que esse snobismo subsiste. Onde ele subsistiu a arte subsistiu. Há leitores para os poetas, há ouvintes, para os compositores, há admiradores para os plasticos. Nesses países a arte é ainda uma das mais belas flores da existencia. Mas outros países há onde o snobismo da arte morreu. Aí morreram as artes tambem. Se não morreram—agonizam. Há pouco mais de cinquenta anos a presença de Eça de Queiroz num sarau literario de Lisboa fazia estremecer as mulheres. Hoje as nossas mulheres já não estremecem senão na presença dos galãs de Hollywood. Em Portugal morreu o snobismo da arte. Ninguem quere fingir admirar uma coisa que se lhe afigura completamente desprezivel. Entre nós, hoje, reina o snobismo da vulgaridade...

II—Não nos obriguem a pensar!

José de Almada Negreiros, em qualquer país desses onde ainda há um publico, capaz de *aparentar* amor profundo pelas coisas da arte, de há muito seria um artista respeitado. Quando mais nada tivesse feito—e muito já fez—bastar-lhe-ia ter escrito o romance *Nome de Guerra* e haver desenhado os dois vitrais da Capela Mortuaria da nova igreja da Avenida de Berne. Não seria preciso mais nada. Em Portugal isso não basta. Entre nós não se respeitam os homens por aquilo que eles são ou por aquilo que eles fazem. Em Portugal respeitam-se os cargos. Se José de Almada Negreiros fôsse socio do Clube Estefania ou da Academia das Ciencias podia pronunciar os dislates que quisesse que ninguem quebraria o respeito devido a um membro de tão altas agremiações intelectuais. Mas José de Almada Negreiros não é socio de nenhuma instituição de beneficencia intelectual. José de Almada Negreiros é apenas um artista—um homem que quando se apresenta em publico não representa uma agremiação de individues mais ou menos nulos: representa apenas o homem que é. Eis por que quando, no outro dia, José de Almada Negreiros, a convite da direcção do Tivoli, se apresentou no palco daquele elegantissimo cinema, para dizer ao publico elegantissimo que o enchia com as suas raposas e os seus casacos de peles de muitos contos de reis, o que era o filme *Branca de Neve e os sete anões,* o publico elegantissimo mostrou desconhecer José de Almada Negreiros. A verdade é que o publico dos nossos cinemas—sobretudo o publico das *premières*—não conhece ninguem salvo as «pessoas conhecidas». Em geral vai ao cinema para *entrar* e *sair*. Entra quando o espectaculo já vai em meio e sai quando o filme ainda está longe de acabar. Todo o espectaculo está na entrada e na saída. E' então que as peles sobressaem e os casacos de contos de reis levantam sussurros de admiração. De admirar não é, portanto, que esse publico desconhecesse José de Almada Negreiros. Não é de admirar que não estivesse disposto a ouvi-lo. Tinha ido ao cinema exactamente para fazer melhor a digestão: abria os olhos e nada mais. Era só deixar entrar aquelas lindas imagens pela retina dentro. E eis senão quando surge aquele diabo do Almada, ou lá quem é, a querer, á viva força, dizer-lhe o que vinha a ser aquilo de um filme de um tal artista Walt Disney. Pois não era que a digestãozinha a modos que se estava fazendo mais lentamente! Que era lá isso de realidade imaginada e de Walt Disney?! Um filme é um filme e pronto. Exactamente como os livros. Que mais dá saber o nome do autor? *Chalices! Trouxices!* exclamaria uma menina «bem». E então, começaram os catarros e as más criações. Aquele elegantissimo publico por fora mostrou ser grosseirissimo por dentro. Não podia ter dado melhor prova da sua insignificancia. Que ideia fará certa gente da civilização, da cultura, da inteligencia, da elegancia? Dar-se-á o caso de se julgar civilizada, culta, inteligente, elegante, só por usar raposas e casacos de peles?

José de Almada Negreiros acaba de publicar as palavras que escreveu para servirem de introdução ao filme *Branca de Neve e os sete anões. Desenhos animados—realidade imaginada* é o titulo dessa breve palestra. (Editorial Atica, Lisboa, 1938). No titulo está resumida a tese de Almada Negreiros. Para ele, os desenhos animados vieram dar ao cinema aquilo que o cinema ainda não tinha—uma realidade imaginada. Na opinião de José de Almada Negreiros «a realidade ou uma fotografia da realidade, ainda que esta seja em movimento, é uma e a mesma coisa». Ora Almada Negreiros entende que a «arte é sempre uma transposição da realidade». Logo, para José de Almada Negreiros, o cinema não é uma arte: nele não se dá uma «transposição da realidade». Eis por que os desenhos animados, introduzidos no cinema um elemento transpositivo da realidade—os proprios desenhos—fizeram dele uma verdadeira arte. Isto é, nas suas linhas gerais, o pensamento de Almada Negreiros. Daqui se depreenderá facilmente a razão da importancia que Almada atribue á innovação de Walt Disney.

Afigura-se-me inteiramente justa a opinião de Almada Negreiros. De facto, os desenhos animados vieram dar ao cinema possibilidades milagrosas. Essas possibilidades estão ainda muito longe de ter sido esgotadas. A propria *Branca de Neve* é apenas uma tentativa. Almada Negreiros sabe-o bem. Ele proprio o frisa. Não estou de todo convencido, porém, de que o cinema baseado na maquina fotografica não seja uma arte. O verdadeiro cinema não exclue a transposição. A maquina fotografica é para o realizador-artista um instrumento de trabalho. Tal qual a maquina de escrever para o escritor. Que a maquina fotografica é um mero instrumento prova-o o facto de com uma mesma aparelhagem fotografica se poderem realizar filmes tão dissemelhantes como o *Trevo de Quatro Folhas* e *A Grande Ilusão*. Quere dizer: a maquina fotografica não repele a «transposição». A «transposição» no cinema é realizada pelo artista que fixa a realidade. Transpõe a realidade aquele realizador de cinema capaz de imprimir ao real um arranjo e uma associação de imagens que nos não dão a realidade na sua passividade inexpressiva mas, sim, num composto dinamicamente pessoal.

A innovação de Walt Disney é de facto maravilhosa. O meu entusiasmo perante ela não é todavia orientado na mesma direcção do de Almada Negreiros. Não creio que os desenhos animados tenham dado ao cinema aquilo que o cinema não tinha—a realidade imaginada. Quere-me parecer até que cinema fotografico e desenhos animados seguem caminhos opostos. Se, por um lado, o cinema tem de contar sempre com a realidade, os desenhos animados têm de contar sempre com a irrealidade. A realidade que o cinema pode oriar tem de ser circunscrita ao mundo real. A mais bela expressão do cinema tem sido dada até hoje por aqueles filmes onde a realidade surge desnudada. Dir-se-á que a mais bela expressão de arte do cinema é aquela de onde o artista parece ausente. Os mais belos filmes mostram-nos a realidade com flagrancia tal que nós temos a ilusão de estar defronte dela. Isto, não obstante as deformações de visão com que nos defrontamos, os truques de que o realizador se serviu para nos dar a grande ilusão do real e, o que é mais extraordinario, não obstante a realidade que se nos dá ser totalmente desprovida de côr. Quere dizer: a realidade imaginada pelo cinema-fotografia é sempre uma realidade imaginada no sentido do real.

Exactamente o contrario do que ocorre com os desenhos animados. Com os desenhos animados a realidade imaginada volta as costas ao real. Aí o papel do artista é outro. Já se não trata de olhar a realidade deste ou daquele angulo pessoal. Trata-se de *criar uma realidade*. O homem não pode criar a realidade sem lhe introduzir elementos pessoais de visão. Aquela imparcialidade visual da maquina fotografica que leva o realizador do cinema-fotografia a desinteressar-se da reprodução do real para se ocupar apenas do arranjo dessas reproduções que a maquina objectivamente lhe fornece é substituida nos desenhos animados pela mão do artista *criando a sua realidade*. Em vez de contornar *imitativamente* o modelo, o realizador do filme de desenhos animados contorna a sua propria visão do real. Daqui os desenhos animados serem tanto mais expressivos—tanto mais belos como arte—quanto menos imitativas as suas figuras. A Branca de Neve, a Raínha e o Principe são as unicas notas falsas do filme *Branca de Neve e os sete anões*. São as unicas figuras inexpressivas do filme. Porquê? Por serem as unicas em que houve a preocupação de fazer real. Todas as outras são irreais. Pelo menos são francamente deformadas—francamente «transpostas»—como têm de ser todas as criações da arte. Eis por que eu penso que o caminho do cinema-fotografia é diverso do caminho do cinema desenhos animados. Para mim, ambos são manifestações de arte. Basta, para isso, serem realizados por artistas.

Esta leve discordancia do pensamento de Almada (será isto discordancia? Não estaremos nós, afinal, de acôrdo nas ideias e apenas em desacordo nas palavras?) não me impede de admirar a maleabilidade com que ele, qual salamandra, passa através das ideias sem se queimar. Almada sabe dar ao pensamento a plastica das imagens. Daí a exuberancia das suas palavras, o desenho largo e desbordante do seu estilo. *Desenhos animados—realidade imaginada* é a primeira reflexão séria que entre nós provocou a arte maravilhosa de Walt Disney.

III—Um poeta intimo do mundo

Jorge de Lima escreveu no prefacio do livro *Aleluia* do poeta brasileiro Ivan Ribeiro: «Dizem que uma vez um homem simples viu uma girafa num jardim zoologico e se virando para o companheiro disse-lhe, diante do bicho exotico: isso não é animal nem nada, isso é um misterio! A poesia do poeta Ivan Ribeiro vai ser misterio aos visitantes do zoo». Com efeito a poesia de Ivan Ribeiro é daquelas que nos fazem pensar no misterio. Ao contrario do que pensam certos meticulosos espiritos, a arte não define coisa nenhuma. Se definisse, não era arte—era critica, era didactica, era tudo quanto quisessem menos fonte de Beleza. Mas se arte alguma define, a poesia, então, nem mesmo quere ser inteligivel. A poesia quere ser este sonho harmonioso e desregrado que nos faz pensar em tudo menos em coisas logicas e racionais. A poesia de um poeta como Ivan Ribeiro coloca-nos então francamente em face do misterio. Poesia e sonho são sinonimos. A linguagem deste poeta tem o arabesco gratuito do sonho. Cada um dos seus poemas é um sonho cristalizado. E, na verdade, não conheço poesia a que melhor se aplique a palavra *aristalização*. Dir-se-á, de facto, que tais poemas nem são escritos nem pensados. Parecem sonhos da natureza reduzidos a cristais. Vêem-se-lhes as arestas refractando os raios de uma luz lunar.

Um cadaver deu á praia,
e os banhistas interrogaram
aflitos se o homem trazia
uma medalha de Nossa Senhora no pescoço.
Não trazia: era uma mulher morena,
ninguem se lembrava do sorriso da mulher
morena.
Um cadaver deu á praia,
e as algas, interrogadas,
secaram ao sol e não delataram
as ultimas palavras da morta
que só o mar tinha escutado.
... ...

Não dizem nada, não explicam nada, não nos contam nada—estes poemas são a mais pura e a mais candida expressão de uma sensibilidade intima do mundo. Sim: na poesia de Ivan Ribeiro quem se exprime não é um poeta, é o proprio mundo. Não sei de poesia mais intimamente ligada ao proprio misterio do mundo. Ivan Ribeiro é um poeta tão fraternalmente intimo do mundo que parece a sua propria voz—a sua propria alma.

JOÃO GASPAR SIMÕES

Bourbon e Menezes responde

(Continuação da 2.ª pagina)

birrasse—porque eu tenho a franqueza de confessar que sou muito capaz disso—do que jámais o seria era de confundir, por exemplo, os cabelos do sr. dr. Simões com as suas ideias—para inferir do comprimento deles a extensão destas—ou de deturpar e aviltar aquilo que ele escreve pelo prazer miseravel de lhe patentear hostilidade.

O sr. dr. João Gaspar Simões apóda-me de seu adversario.

Não dei ainda por que o seja.

Emile Herriot contava ha dias, no «Temps», o caso picaresco de um labroste que, havendo entrado numa igreja rural, quando um padre ali estava fazendo chorar os fieis com um sermão patético, explicou assim o facto de só ele ter ficado enxuto no meio de tão grande pranto:

«*Je ne suis pas de cette paroisse.*»

E' o nosso caso. O sr. dr. Simões é de uma freguesia literaria, eu sou de outra. Não podemos chorar juntos...

Tirará ele daqui a conclusão de que por não podermos misturar as nossas lágrimas irremediavelmente haveremos de confundir os pés com as mãos?

Agradecendo desde já a inserção destas linhas no «Diario de Lisboa» confesso-me seu camarada etc.—**Bourbon Meneses».**